

Cartografia experimental de territórios populares

RELATÓRIO FINAL

Realização

LabCidade FAUUSP –

Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade da Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

UNEafro

Apoio

Fundação Tide Setubal

Instituto de Referência Negra Peregum

Período

Maio de 2021 a Fevereiro de 2022

Equipe

LabCidade

Raquel Rolnik

Pedro Rezende Mendonça

Aluízio Marino

Luiza Mateo

Renato Abramowicz

UNEafro

Gisele Brito

Coordenação – Peregum

Adriano Souza

Coordenador de núcleo UNEafro

Anderson Villar

Coordenador de núcleo UNEafro

Pesquisa de campo

Guilherme Santiago

Pesquisador do território

Anderson Agappes

Pesquisador do território

Priscila Nascimento da Silva

Pesquisadora do território

Laura Nicolau da Silva

Pesquisadora do território

Julia Barauna de Assis

Pesquisadora do território

Ana Eulália de Oliveira

Pesquisadora do território

Rony Vieira dos Santos

Pesquisador do território

Bruna Stela Cardoso

Pesquisadora do território

Sumário

Introdução	4
Estruturação das atividades	7
Análise crítica das cartografias oficiais e produção de outras narrativas espaciais	11
Cartografias afetivas	11
Leitura crítica das cartografias oficiais	18
Cartografia coletiva das categorias habitacionais	24
Cartografia coletiva das centralidades	31
Oficina com equipe Tide Setubal	36
Compreensão da disseminação e dos impactos da pandemia em escala local	38
Leituras da pandemia com fotos, vídeos e entrevistas	38
Traçando ações no território	46
Conclusões e comentários	50
Referências e Links relevantes	52

1. Introdução

Muitos são os desafios de planejar uma cidade, especialmente os territórios populares. Uma das razões dessas dificuldades decorre diretamente da forma histórica por meio da qual o planejamento construiu uma epistemologia desenvolvida a partir de normas, formas e modelos que pouco se relacionam aos processos concretos de produção e gestão dos territórios populares. Isso resulta num descompasso entre propostas de políticas públicas e a realidade de quem ocupa esses territórios.

Uma das dimensões centrais desse descompasso é a denominada “fase de diagnóstico”, quando são identificadas e registradas as questões que devem ser objeto de intervenção futura. Para além de práticas *top down*, sem diálogo com os sujeitos objeto das intervenções, há também um impasse no campo da narrativa. Isso porque, na prática corrente da linguagem planejamento, praticamente inexistem léxicos de representação que escapem do binômio legal/ilegal; fora da norma/dentro da norma; transformando as leituras numa verdadeira afirmação do modelo hegemônico e dos “desajustes” territoriais.

Ora, quando nos referimos a normas/formas/modelos, não podemos deixar de assinalar a dimensão dos repertórios político culturais presentes, marcados não apenas pelas lógicas de organização dos capitais investidos no urbano, mas também de suas dimensões racistas, patriarcais e homofóbicas, inerentes ao modo de funcionamento da máquina hegemônica de desenvolvimento urbano. Isto nos ajuda a entender, por exemplo, não apenas a dimensão centralizada de grandes projetos de políticas como na área de saneamento, mas a própria concepção básica de unidade habitacional, definida a partir da família nuclear correspondente a um lote demarcado, ignorando arranjos e formas de morar muito mais amplos e múltiplos.

Estas questões têm surgido com força nos territórios populares recentemente, impulsionadas pela emergência de novos “sujeitos e sujeitas periféricos(as)” (D’Andrea, 2020) organizados em coletivos culturais, feministas e antirracistas que não somente introduzem dimensões estruturais da desigualdade para além do tema da renda, mas também recolocam a periferia como lugar de potência de afirmação de singularidades culturais e políticas – e não apenas de ausência de equipamentos e urbanidade. Estas mesmas questões também estão presentes nas lutas contra projetos urbanos e processos de remoção que aumentam vulnerabilidades, assim como no enorme esforço histórico – individual, comunitário, coletivo – de consolidação “negociada” do habitat popular.

Mais recentemente, foram estes territórios – e estas novas organizações – responsáveis pelo desenho de estratégias territorializadas de combate à disseminação e introdução de estratégias de cuidado em relação à pandemia de Covid-19, com ações articuladas entre organizações e coletivos locais apoiadas por diversos tipos de doações e doadores, como foi o caso do Projeto Peregum, a partir dos núcleos de base da UNEafro. Estes núcleos se constituíram a partir de um projeto de educação em que se construiu coletivamente uma rede de cursinhos populares em distintos territórios, que no trabalho cotidiano se conformaram como espaços voltados para a construção de lutas sociais e ações concretas comunitárias locais voltadas para a transformação das condições de vida. Sobre estes territórios, recentemente a UNEafro construiu uma base de dados relevante para uma análise epidemiológica da pandemia de Covid-19 em bairros da Região Metropolitana de São Paulo, que serviu para definir a atuação de Agentes Populares de Saúde UNEafro, mas que também permite realizar uma caracterização socioeconômica sobre os territórios acompanhados, cuja população negra compõe uma parcela expressiva.

A existência desta base de ação territorializada protagonizada pelos novos sujeitos a que nos referimos acima, assim como suas tentativas de aproximação a uma leitura do território pelo registro das ações durante a pandemia, constitui uma oportunidade para um exercício de cartografia experimental, voltada a produzir uma leitura do território a partir de seus sujeitos e seus repertórios de formas de morar e organizar o espaço.

Assim sendo, este projeto teve como objetivo realizar uma cartografia experimental multiescalar sobre territórios populares majoritariamente habitados por negros e negras, a partir de uma visão interseccional, tendo como ponto de partida dois territórios correspondentes a núcleos da UNEafro situados na Região Metropolitana de São Paulo, definidos em comum acordo com a organização.

Por outro lado, desde maio de 2020, o LabCidade tem acompanhado a dimensão espacial da pandemia de Covid-19 na Região Metropolitana de São Paulo, tendo como base a discussão sobre as formas de representação da cidade nos mapas e suas implicações no desenho das políticas públicas. Os acúmulos desse acompanhamento forneceram as principais hipóteses de pesquisa para iniciar os exercícios de cartografia experimental. **Nossa primeira hipótese é que as formas de representação dos territórios no planejamento urbano não são aderentes à realidade vivida no território, pois têm como pressuposto o modelo de intervenção, e não o oposto.** Portanto, outras cartografias e formas de representação seriam capazes de alimentar a elaboração de outras políticas. Por fim,

consideramos que os sujeitos que vivem no território são agentes indispensáveis na produção dessas outras cartografias.

Este relatório traz um registro metodológico e dos resultados do processo de elaboração dessas cartografias, à luz das hipóteses e questões levantadas. Para que a experiência tivesse a potência de realmente abrir novos novos métodos de cartografia, não partimos com uma agenda, metodologia ou rito específicos – os passos foram propostos sempre a partir dos desdobramentos e descobertas da atividade anterior.

2. Estruturação das atividades

A realização do exercício de cartografia experimental começou a ser viabilizado após uma aproximação do LabCidade ao projeto de Agentes Populares de Saúde da UNEafro. Foi aventada a possibilidade de usar a experiência do laboratório com acompanhamento de territórios populares e cartografias para auxiliar na construção de uma leitura sobre alguns dados obtidos no projeto. A parceria evoluiu para a construção de um projeto específico de cartografia, agora com apoio da Fundação Tide Setubal, a partir dos núcleos da UNEafro.

Em maio de 2021, mês de início deste projeto, o LabCidade realizou o mapeamento dos núcleos UNEafro no município de São Paulo e construiu uma síntese cartográfica a partir de dados censitários e sobre serviços públicos. Os resultados foram apresentados para a coordenação da UNEafro e, em seguida, buscamos determinar o próximo passo para prosseguir com as cartografias experimentais.

Naquele momento, avaliamos que a experimentação de outras metodologias de cartografia demandaria a delimitação de territórios, para que fosse possível realizar ações práticas em campo associadas às reflexões teóricas. Esses territórios foram escolhidos em conjunto com a UNEafro, a partir da presença de núcleos interessados no trabalho conjunto. Foram apresentados dois lugares específicos: (1) Jardim Miriam, na Zona Sul de São Paulo, associado ao núcleo Pagode da Disciplina; e (2) São Mateus, na Zona Leste, associado aos núcleos Rosa Parks, Cedeca Sapopemba (Dona Nazinha), Ilda Martins e São Mateus em Movimento. A partir dessa definição, realizamos um ciclo breve de reuniões em que produzimos e apresentamos leituras cartográficas típicas no planejamento urbano – que apelidamos de leituras “planurbeiras”, inspirando-nos no apelido dado às disciplinas de graduação de Planejamento Urbano na FAUUSP. A intenção das apresentações foi introduzir os responsáveis pelos núcleos à pauta do projeto e aos objetivos da prática experimental que estávamos propondo.

Dessas reuniões, definimos melhor um desenho de equipe para conduzir e participar dos exercícios de cartografia experimental. Durante o planejamento das próximas etapas, infelizmente a responsável pelo núcleo Pagode da Disciplina não pôde seguir no projeto, e com isso colocamos o foco das atividades em São Mateus. Em São Mateus optamos, em diálogo com a equipe da UNEafro, por seguir apenas com os núcleos Rosa Parks, Cedeca Sapopemba (Dona Nazinha) e Ilda Martins. Com esse recorte, selecionamos oito pesquisadores populares, moradores e/ou trabalhadores da região de São Mateus

participantes das atividades educacionais dos núcleos UNEafro. O objetivo dessa equipe seria construir em conjunto uma série de cartografias de São Mateus a partir do conhecimento do território vivido. Os professores dos núcleos da Zona Leste Anderson Villar e Adriano Souza tiveram um papel fundamental na construção da equipe, pois sua inserção nos cursinhos permitiu a indicação de pessoas com perfis diversos. Realizamos uma série de entrevistas com pessoas indicadas às vagas, priorizando garantir uma diversidade de gênero e geracional.

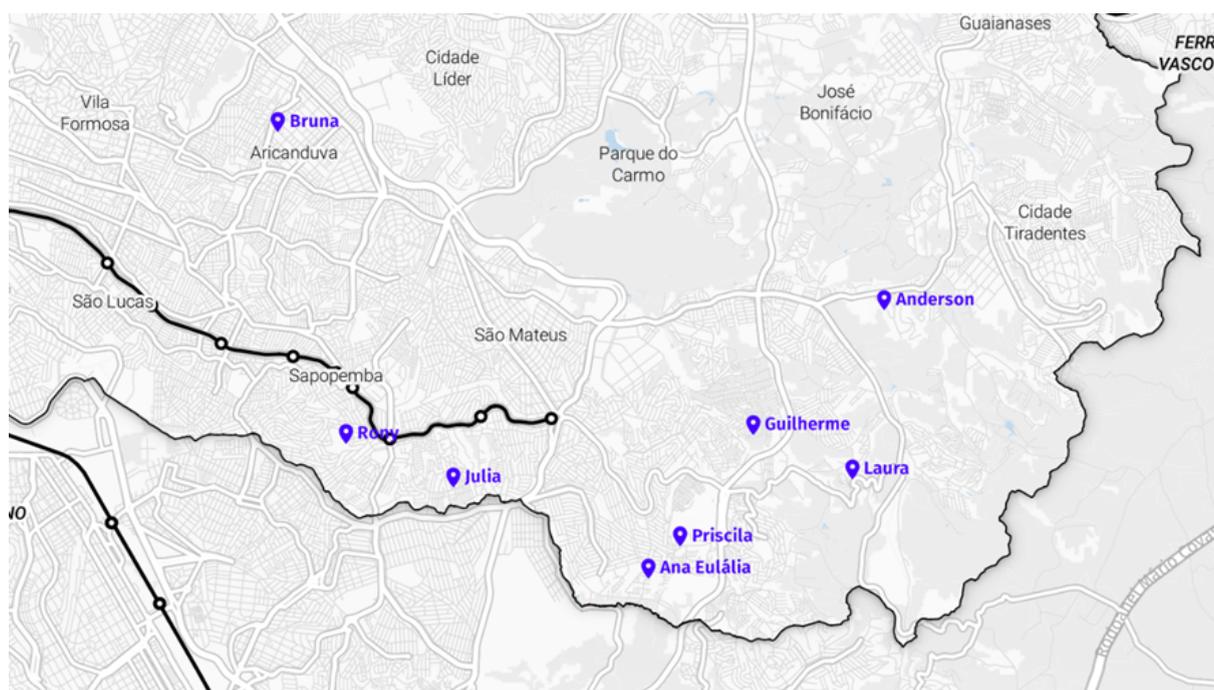


Figura 1 | Locais de moradia dos pesquisadores

Planejamos uma sequência de experimentações cartográficas a serem realizadas por esta equipe. Entretanto, essa sequência foi bastante flexível, já que cada atividade foi redefinida a partir das percepções e resultados dada experiência anterior. Para orientar esse percurso, escolhemos dois eixos, ambos conectados com os trabalhos do LabCidade e com as questões colocadas para o trabalho: o primeiro foi a própria cartografia e suas formas de representação dos territórios; e o segundo foi a leitura de impactos territoriais da pandemia de Covid-19. Salientamos que todas as atividades foram impactadas pela explosão de uma nova onda de contágio da Covid-19, o que restringiu as possibilidades de realizarmos encontros presenciais.

As atividades relacionadas aos dois eixos de pesquisa se alternaram ao longo do trabalho. Entretanto aqui serão apresentados cada qual separadamente:

- **Tema 1: Análise crítica das cartografias oficiais e produção de outras narrativas espaciais**
 - Cartografias afetivas, em que realizamos um exercício de mapeamento das quebradas em diferentes escalas, fiel à compreensão do território na perspectiva dos pesquisadores moradores.
 - Leitura crítica das cartografias oficiais, em que comparamos as cartografias afetivas e cartografias oficiais, produzidas em sistemas de informação geográficas (SIG), softwares para elaboração de mapas que possibilitam a sobreposição de diferenças camadas de dados - principalmente produzidos pelo Estado - para identificar e descrever descompassos entre esses diferentes tipos de leitura.
 - Cartografias coletivas, em que nos reunimos presencialmente para discutir categorias cartográficas, seus significados e invisibilidades, buscando construir um mapeamento das formas de morar e das centralidades de São Mateus.
- **Tema 2: Compreensão da disseminação e dos impactos da pandemia em escala local**
 - Leituras da pandemia, um exercício de mapeamento das necessidades e transformações relacionadas ao período de pandemia de Covid-19. A aposta deste exercício foi estabelecer um paralelo com as leituras cartográficas da pandemia produzidas pela Prefeitura de São Paulo e pelo LabCidade.
 - Entrevistas com pessoas afetadas pela pandemia, cujo objetivo seria expandir a compreensão dos impactos territoriais para além da equipe envolvida diretamente com o projeto.
 - Propostas e ações para mitigar impactos da pandemia, em que a experiência de cartografia e dos impactos da construção das categorias territoriais seria utilizado na proposição de ações específicas de políticas públicas relacionadas à pandemia – mas não limitada a ela.

Compreendemos que estas atividades permitiriam investigar, do ponto de vista da cartografia, quais são os limites ao conhecimento do território impostos pela tipologia dos mapas oficiais, que são usados em políticas públicas reais, e como essa tipologia interfere na formulação dessas políticas. Apostamos que diferentes leituras, em outras escalas e atentas a outros elementos, levam a ações diferentes.

Em função da pandemia de Covid-19, a maioria dos exercícios foram realizados de forma remota. Observamos durante as entrevistas iniciais que havia restrições tecnológicas à participação, pois parte dos pesquisadores populares usavam exclusivamente o celular para acesso à internet no dia a dia. Também havia restrições de horário, já que parte trabalhava em horário comercial. Os encontros foram organizados com frequência quinzenal, nas terças-feiras às 18:00, por videoconferência. Adicionalmente, com o avanço da vacinação e abrandamento da situação sanitária, realizamos dois encontros presenciais, em São Mateus, para construção das cartografias coletivas. No primeiro desses encontros presenciais, alugamos uma van para pegar cada um dos pesquisadores em suas casas em São Mateus, como forma também de todos poderem circular e investigar coletivamente o território que estávamos trabalhando, além de podermos notar transformações urbanas e sociais recentes ocorridas durante o período pandêmico.

O detalhamento das atividades e seus resultados são apresentados de forma sistematizada nas duas seções seguintes, seguindo a divisão entre os dois eixos. São apresentados os detalhes de enunciado e de realização da atividade e, em seguida, alguns pontos de destaque sobre os resultados.

3. Análise crítica das cartografias oficiais e produção de outras narrativas espaciais

3.1. Cartografias afetivas

O primeiro exercício foi elaborado para introduzir questões de cartografia e para iniciar o mapeamento de elementos do território. Este exercício também teve como propósito propor o que denominamos de “alfabetização cartográfica crítica”, ou o conhecimento crítico das formas e linguagens utilizadas nos mapas oficiais por parte dos pesquisadores. Entretanto, consideramos que , antes de introduzi-la , era necessário propor um exercício de mapeamento livre – esperando diversidade nos elementos mapeados e nos métodos de representação. Solicitamos aos pesquisadores que elaborassem mapas em três escalas, conforme o enunciado abaixo:

Experimentação 1 | Mapas afetivos

Na primeira experiência de cartografia, devem ser elaborados três mapas afetivos:

- 1- Um mapa da sua quebrada, localizando os lugares importantes no seu cotidiano, lugares que você frequenta todo dia ou toda semana, e seus trajetos até eles.
- 2- Um mapa da sua região, localizando onde estão os lugares que você frequenta em ocasiões especiais, lugares importantes para a história da região, lugares de referência para lutas, pontos de encontro. Tente localizar onde está a UNEafro nesta escala.
- 3- Um mapa da cidade de São Paulo, desenhando os lugares, ruas, equipamentos e infraestruturas mais importantes para a população da cidade, e indicando onde a sua quebrada está inserida nesta estrutura urbana.

Criamos um grupo de whatsapp com a equipe de pesquisadores populares para dar suporte à elaboração desta e das atividades seguintes. Adicionalmente, enviamos um kit de materiais de desenho para que todos os pesquisadores tivessem as mesmas ferramentas para realizar esta atividade e as seguintes. A atividade foi realizada em uma semana, com realização de um encontro parcial para orientar e sanar dúvidas sobre o desenvolvimento da atividade. Por conta do tempo reduzido de apresentação, apenas uma parte dos pesquisadores pôde apresentar os resultados no dia de entrega.

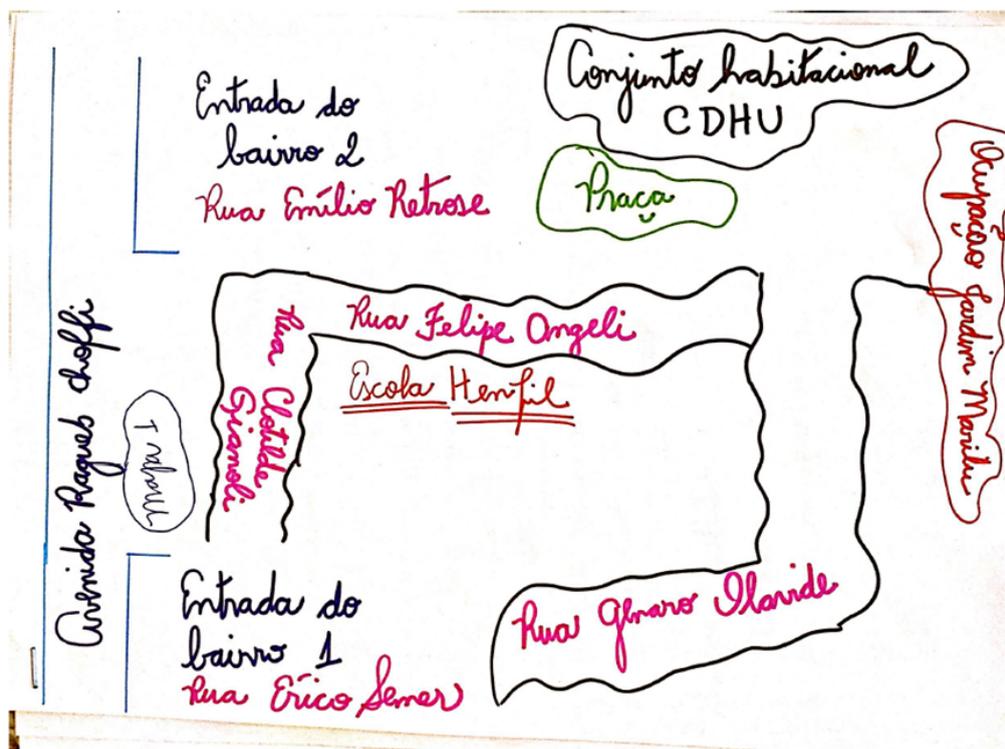


Figura 3 | Mapa na escala 1



Figura 4 | Foto da região do mapa apresentado na figura 1, na rua Emilio Retrose

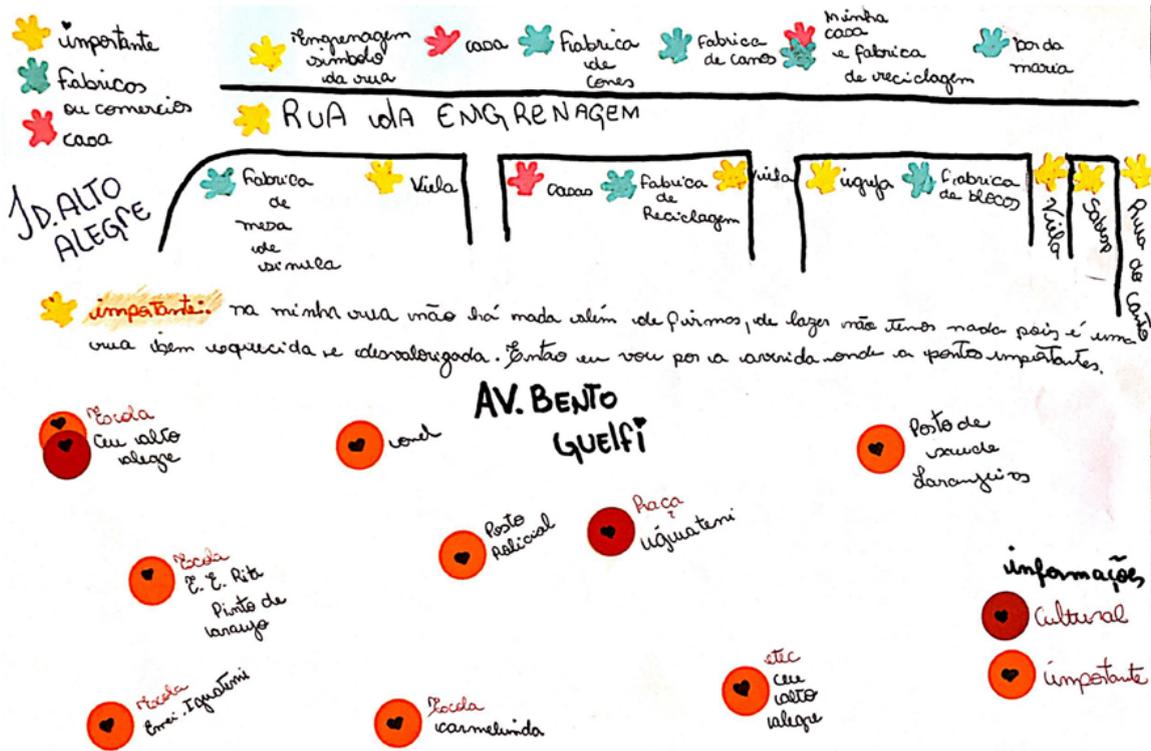


Figura 5 | Mapa na escala 1

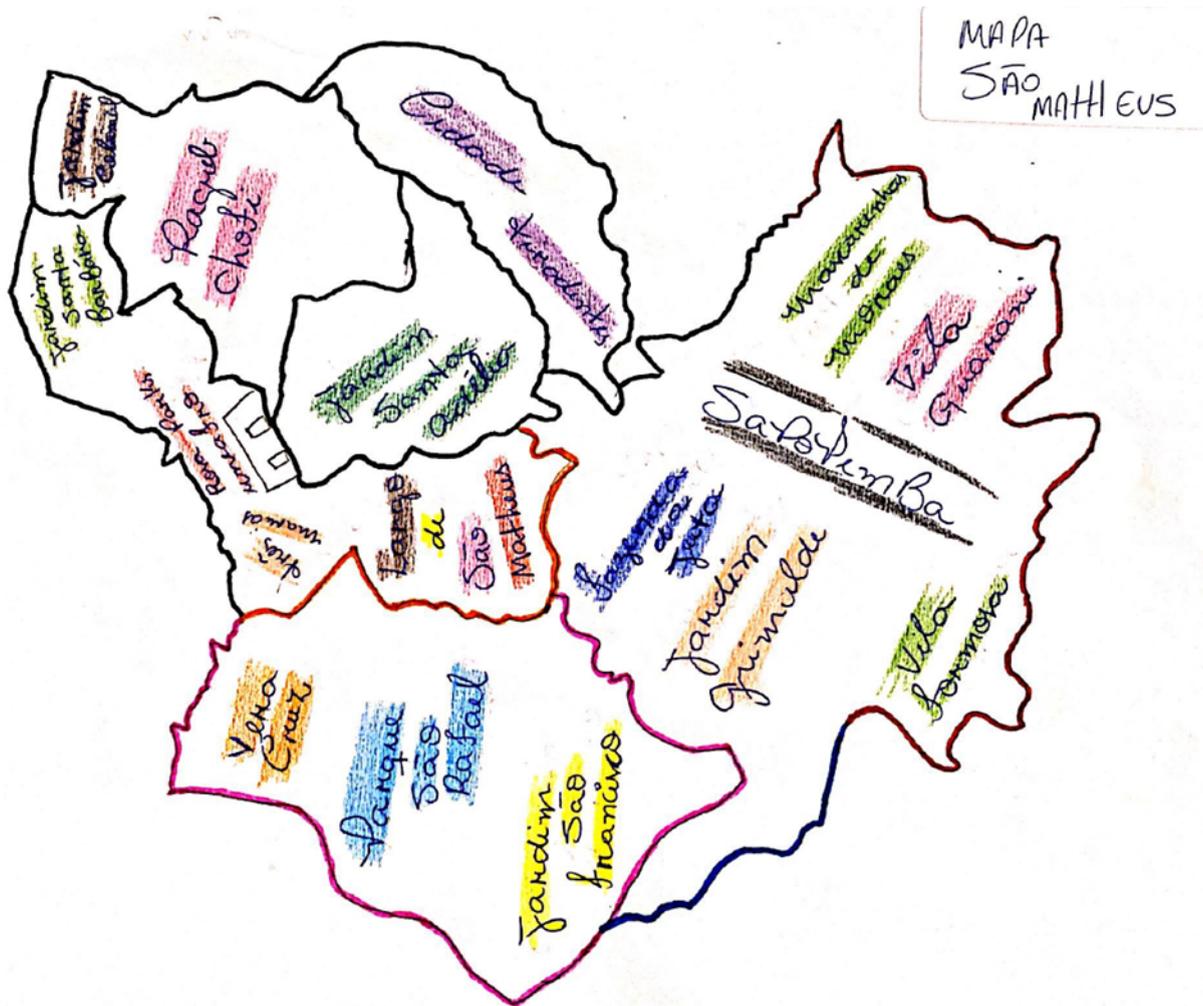


Figura 6 | Mapa na escala 2 definindo os nomes dos loteamentos como referência

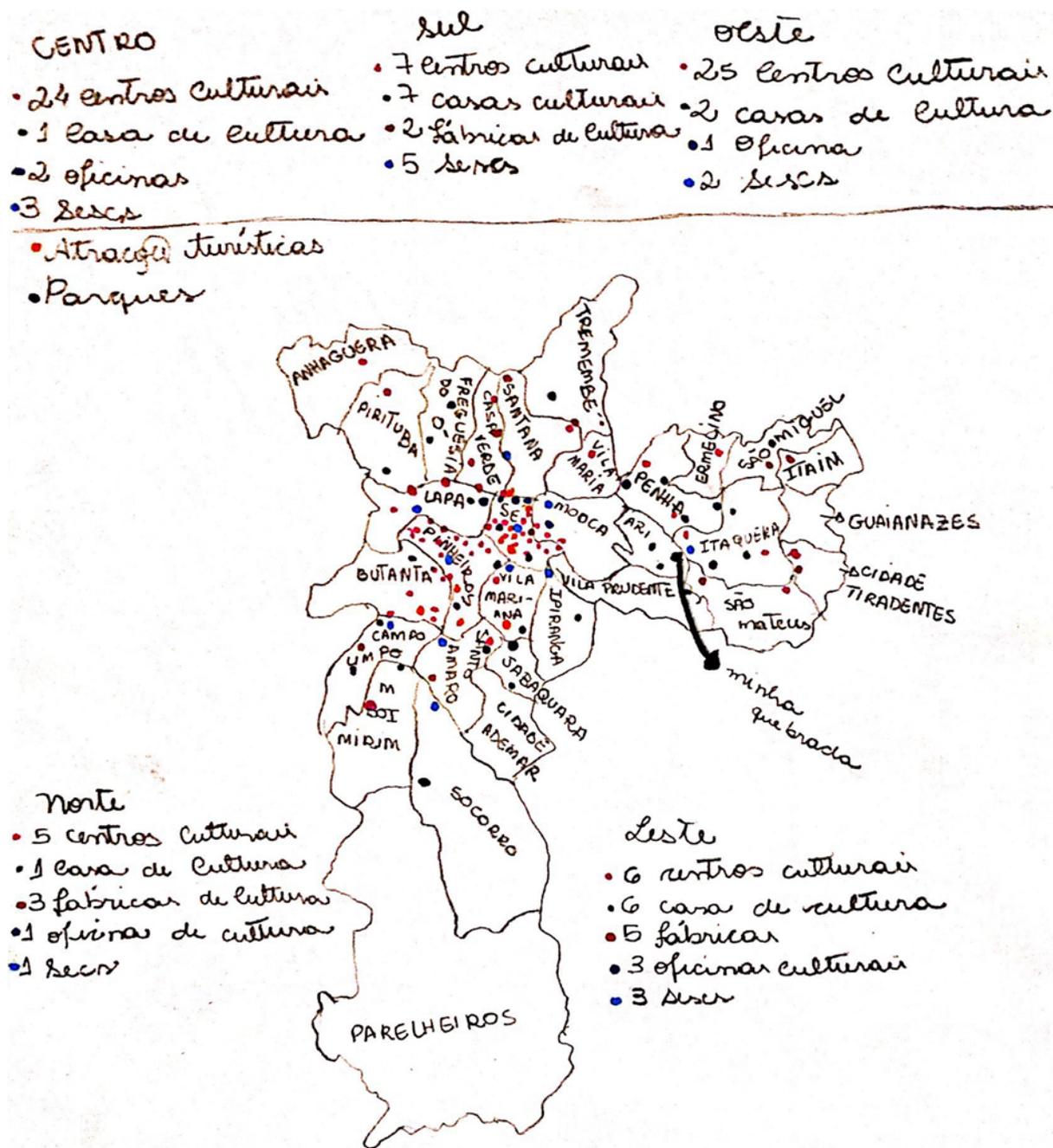


Figura 7 | Mapa na escala 3, com indicação de equipamentos culturais e das subprefeituras

Por limitação de tempo, foi possível realizar a apresentação coletiva de apenas dois conjuntos de mapas (do Jardim Marilu e da Rua da Engrenagem). A partir da apresentação desses mapas afetivos no segundo encontro e dos debates levantados coletivamente, destacamos os seguintes pontos:

- Na escala local, as referências mais recorrentes são ruas, avenidas, equipamentos públicos (principalmente escolas, centros culturais e esportivos) e o nome dos loteamentos, que originaram os bairros.
- Na escala regional, as localidades que aparecem como referências foram: Parque do Carmo, Fazenda do Carmo, Shopping Aricanduva, Shopping Itaquera, Mateo Bei (Centrinho de São Mateus), Cidade Tiradentes, metrô Itaquera. O uso de nomes de dos loteamentos que originaram os bairros também foi recorrente. Alguns outros elementos utilizados foram os rios e córregos (córrego Palanque, rio Aricanduva).
- Na escala metropolitana, foram adotadas várias estratégias diferentes. Em um mapa, foram listadas ruas que seriam “visitas obrigatórias” para realizar um tour por São Paulo, listando ruas no centro histórico, Brás, Bom Retiro e na região da Avenida Paulista. Nesta escala, as referências são mais esparsas e possuem pouca sobreposição entre os mapas de diferentes pesquisadores.
- No caso do mapa do Jardim Marilu, na escala 1, foi apontado que o bairro não evoluiu, que foi esquecido e que, portanto, não houve outras grandes referências para o mapa. As referências apontadas foram ruas e avenidas (especialmente a Ragueb Chofi), conjuntos habitacionais, a garagem de ônibus municipais e uma praça com brinquedos infantis dentro da área condominial do conjunto habitacional. Também foram apontadas novas ocupações em encostas. Outros comentários apontaram o bairro como perigoso, com muito assalto. Cidade Tiradentes é indicada como um limite. As linhas de ônibus que atendem a região chegam sempre lotadas. Houve comentários de que o letreiro das linhas de ônibus sinaliza a existência dos lugares, mas que a localização de alguns bairros só foi “descoberta” a partir deste exercício de cartografia.
- No caso do mapa na região da Rua da Engrenagem, foram apontadas as indústrias e igrejas na rua, algumas escolas específicas (Carmelinda), posto policial. O bairro foi descrito como “mais rural”. A Rua da Engrenagem foi a principal referência local, mesmo com a proximidade da Avenida Sapopemba – que só foi apontada na escala regional. A lotação dos ônibus também foi apontada como crítica.
- Houve uma discussão sobre o desenho das linhas de ônibus. Foi apontado que alguns bairros possuem “linhas de ônibus próprias”, e outros são “bairros de meio de

linha". As linhas circulares foram apontadas como ruins, por darem muitas voltas e tomarem muito tempo no trajeto.

- Sobre localidades metropolitanas, discutimos sobre o Parque Dom Pedro, para onde boa parte das linhas de ônibus radiais da Zona Leste se destina. Mais uma vez, essa discussão foi movida pelo letreiro das linhas de ônibus. Ele foi apontado como uma referência "não mapeada", alguns apontaram como bairro, como centro, como terminal de ônibus.

Os pontos elencados acima consistem em um esforço de síntese das questões que surgiram no registro e na apresentação dos mapas afetivos, entretanto, não dão conta da totalidade de elementos levantados pelos pesquisadores territoriais. Os mapas afetivos proporcionam leituras territoriais complexas, que revelam a experiência do pesquisador territorial com o território, inclusive de uma perspectiva particular e subjetiva (lugares que gosta ou não de estar/passar, memórias afetivas e sentidos que estão relacionados a um pedaço específico do seu bairro), nesta síntese buscamos apontar algumas das questões levantadas.

3.2. Leitura crítica das cartografias oficiais

Neste exercício, a intenção foi provocar uma comparação entre as cartografias feitas pelos pesquisadores, com suas formas de representação e recorte de elementos diversos, e as camadas e categorias cartográficas oficiais. Preparamos um SIG com uma base cartográfica mista da Prefeitura de São Paulo e do OpenStreetMap, usando o software [QGIS](#) - software livre para elaboração de mapas. Para mapas locais, usamos também os softwares CloudCompare e Blender para renderizar e georreferenciar as nuvens de pontos 3D do levantamento municipal de 2017, com objetivo de criar um efeito de volumetria e facilitar o reconhecimento de algumas localidades. As imagens de satélite seriam uma alternativa mais simples, mas geralmente prejudicam a leitura de camadas sobrepostas.



Figura 8 | Recorte de base cartográfica para a região do Jardim da Conquista

Em seguida, selecionamos algumas camadas de dados oficiais elaborados pela Prefeitura de São Paulo e pelo IBGE para sobrepor à base:

- Uso do solo, com dados cadastrais registrados lote a lote, apenas para área urbana. Foi utilizada a base cadastral de cobrança do IPTU de 2020. Os dados foram tratados com um script específico para sintetizar as informações de cada lote, já que um mesmo lote pode possuir mais de um contribuinte.
- Cadastro urbano/rural, com dados cadastrais contidos no registro de quadras fiscais do município. As quadras rurais (código R) e municipais (código M) não possuem registro de uso do solo, e foram demarcadas com hachuras.
- Linhas de ônibus, a partir do desenho das linhas de ônibus municipais. As linhas foram separadas por cores com um script específico para facilitar a identificação pela cor dos veículos. Como esta camada possui uma densidade grande de informação, inserimos as linhas apenas na escala local.

- Categorias habitacionais, de acordo com as denominações e camadas produzidas pela Secretaria Municipal de Habitação (Conjuntos Habitacionais, Assentamentos precários, Loteamentos irregulares) e pelo IBGE (Aglomerados subnormais de 2010).
- Zoneamento, a partir da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo de 2016, com indicação das zonas de uso.
- Localização da residência dos pesquisadores, para facilitar a identificação nos mapas. Os pontos foram georreferenciados com API da Google, a partir de endereços de referência apontados pelos pesquisadores.

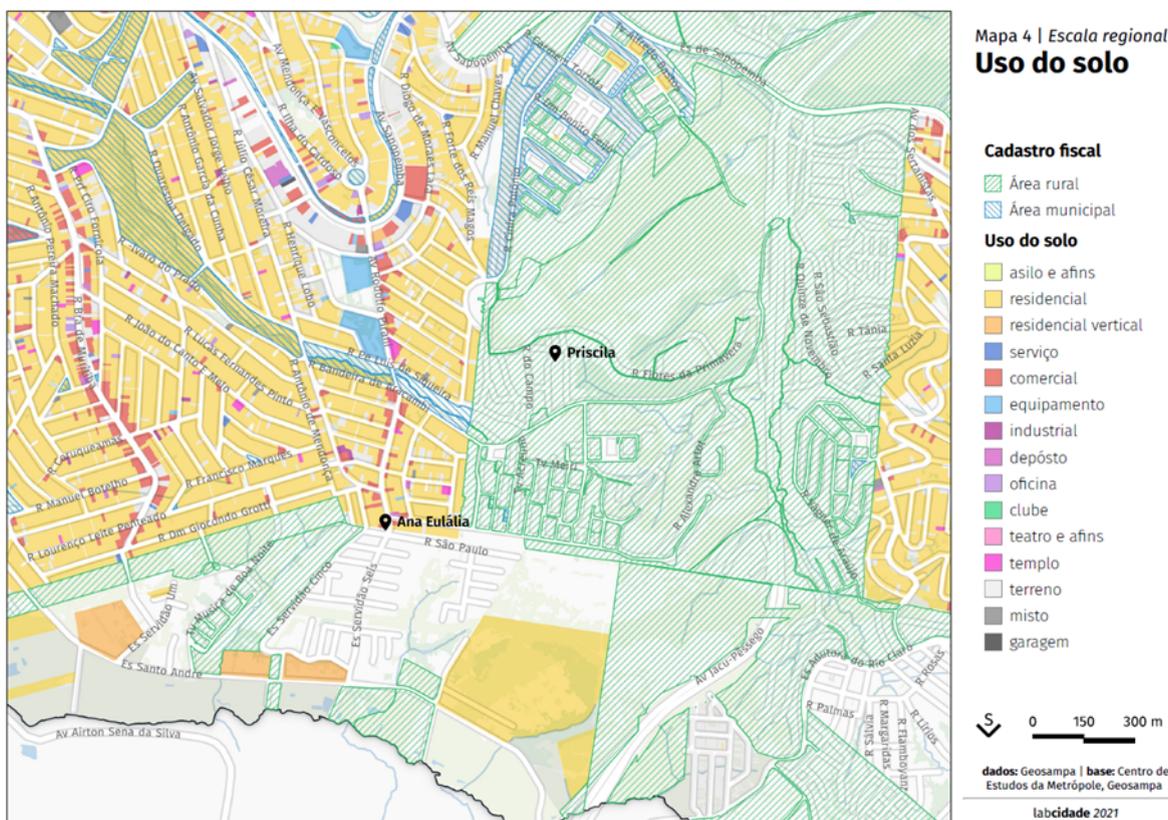


Figura 9 | Mapa de uso do solo e cadastro fiscal.

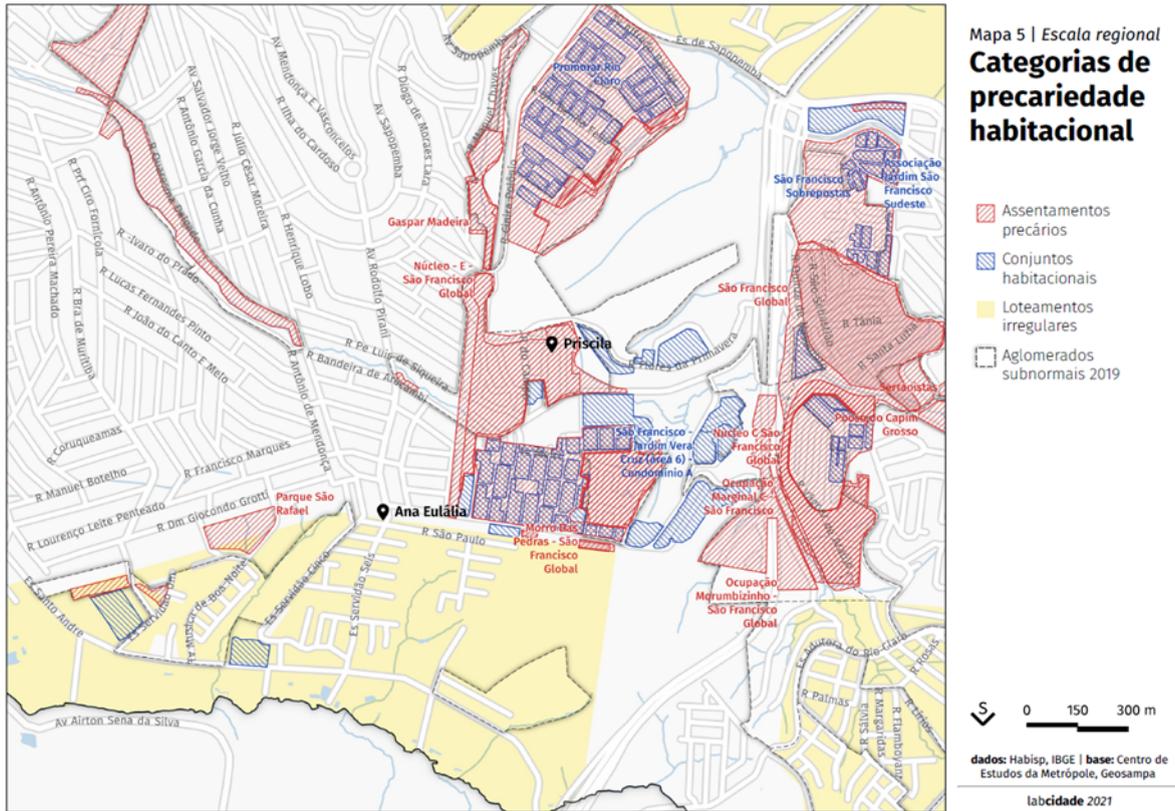


Figura 10 | Mapa de categorias habitacionais.



Figura 11 | Mapa de uso do solo e linhas de ônibus.

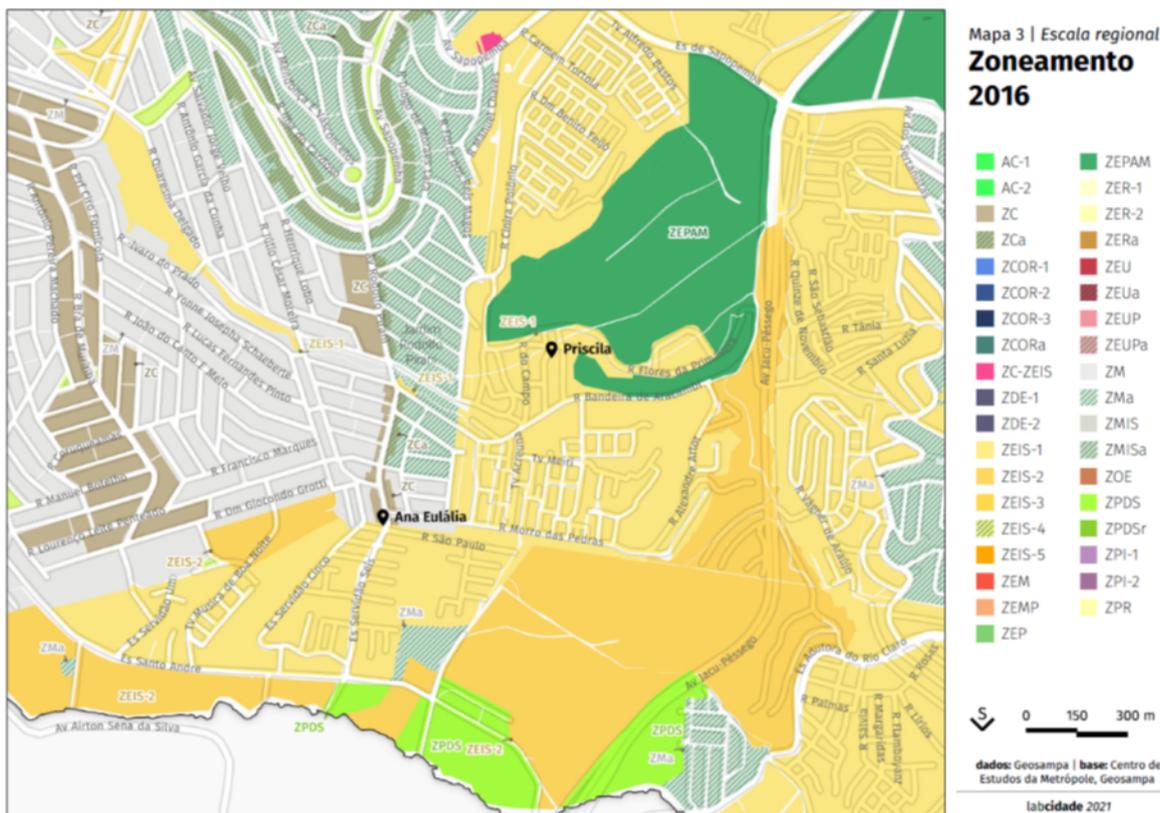


Figura 12 | Mapa do zoneamento de 2016.

Realizamos a apresentação do exercício na sequência da apresentação dos resultados do exercício 1. Apresentamos todos os mapas e realizamos uma leitura guiada, pois consideramos importante que os pesquisadores tivessem conhecimento dessa outra linguagem cartográfica. No caso do mapa do zoneamento – que trata de uma intencionalidade e não apenas de uma sistematização de registro do território – apresentamos também um breve histórico da expansão urbana de São Paulo e da formulação de leis de zoneamento anteriores (1972 e 2004). Em seguida, apresentamos o enunciado do exercício:

Experimentação 2 | Leitura crítica dos mapas oficiais

Nesta atividade, você vai comparar os seus mapas afetivos com os mapas que enviamos na última sexta feira. Escreva e/ou desenhe e/ou grave um relato apontando incoerências e inconsistências entre eles.

Algumas perguntas que podem te orientar: O que os mapas com dados oficiais deixam de fora? Existem erros de classificação? A forma de classificar os lugares no bairro faz sentido? Os símbolos e as cores utilizadas são adequados? Que outros símbolos e cores você desenharia no lugar?

Para oferecer apoio na elaboração das leituras críticas, também realizamos reuniões remotas individuais com cada pesquisador ao longo das duas semanas de trabalho.

Por conta do tempo limitado, mudamos a dinâmica de síntese dos exercícios. A partir das leituras que nos foram previamente enviadas pelos pesquisadores, preparamos uma apresentação de retorno destacando os seguintes pontos:

- Invisibilidade dos territórios: alguns bairros e localidades não constam nos mapas oficiais, ou são mapeadas com categorias que não representam a realidade. As ruas onde alguns pesquisadores moram não estão registradas. Muitos pesquisadores usaram também os mapas do Google como apoio na análise, o que levantou um debate sobre as diferenças entre as construções cartográficas do Estado e as leituras “privadas” das plataformas de mapeamento. Foi apontado que a leitura do Google Maps se aproxima mais da realidade do território, e inclusive possui ferramentas para incluir o conhecimento local em atualizações diárias dos mapas. Também foi levantada a questão da precariedade do serviço postal, especialmente em áreas com vielas.
- As categorias utilizadas não representam a realidade dos territórios: as categorias habitacionais usadas pela prefeitura têm como premissa o estabelecimento de características de precariedade comuns a vários territórios. Mas essas categorias não representam a forma como o território é reconhecido - não se usa os termos “aglomerado subnormal”, “loteamento irregular” ou “assentamento precário” para definir algum espaço no território. Mesmo entre as categorias utilizadas há contradições: os aglomerados subnormais não correspondem a assentamentos precários e há conjuntos habitacionais constando como loteamentos irregulares. Este ponto foi enfrentado e desenvolvido no trabalho presencial
- Velocidade de atualização dos mapas oficiais não acompanha a velocidade de transformação do território, especialmente quanto mais distante das áreas de urbanização consolidada
- Quanto mais recente a ocupação do bairro, menor o diálogo com os dados oficiais
- Estratégia de transformação proposta pelo do zoneamento de 2016 não corresponde às transformações em curso no território.

- Nomes dos lugares (bairros, ruas, localidades) têm relação com o histórico de ocupação, e não com os nomes oficiais - quando existem. Alguns lugares têm nomes que não correspondem com os mapas oficiais. Muitas ruas são reconhecidas pelo histórico de ocupação ou por características especiais (“Rua da Engrenagem” por ter uma engrenagem na entrada, “Rua Nova” por ser a rua mais nova, “Duas pistas” por ter duas pistas), e não pelos nomes oficiais que são atribuídos posteriormente. Também foram destacados alguns prenomes comuns entre os bairros, como “vila”, “jardim”, “parque” - que definem bairros usados como referência, mas que não são usados nos mapas oficiais.
- Inexistência de cadastro é contraditória: dificulta o acesso a alguns serviços, mas não impede fornecimento e cobrança de outros. Em alguns casos, as ruas recebem asfalto e coleta de lixo - mas não constam nos mapas.
- Rede de transporte não favorece deslocamentos para destinos próximos, está muito associada a viagens distantes

Ao fim deste exercício, avaliamos que o encaminhamento ideal seria realizar um exercício de cartografia coletiva para construir uma síntese das críticas e pensar alternativas de representação às categorias oficiais. Contudo, foi necessário esperar o avanço da campanha de vacinação contra a Covid-19 para prosseguir com a atividade presencial.

3.3. Cartografia coletiva das categorias habitacionais

Agendamos a primeira reunião presencial assim que toda a equipe de pesquisadores teve a chance de se vacinar. O objetivo desta atividade era confrontar as cartografias afetivas e oficiais coletivamente, mapeando e construindo uma “tipificação” das formas de morar. Os resultados do exercício 2 mostraram que as categorias utilizadas pelo Estado, como loteamentos irregulares, assentamentos precários, aglomerados subnormais ou conjuntos habitacionais, não só não correspondem à leitura que os pesquisadores fizeram de seus próprios territórios como foi motivo de incômodo e crítica por parte deles travar conhecimento com as nomeações oficiais utilizadas para designar seus espaços de moradia e vida. Portanto, buscamos construir a muitas mãos outras definições e outras categorias.

O encontro foi realizado numa tarde de sábado. Dividimos sua realização em uma parte de visita de campo aos territórios, seguida do exercício de cartografia das categorias habitacionais. A equipe do LabCidade partiu do centro de São Paulo com uma van e seguiu um percurso para visitar e embarcar todos os pesquisadores em suas casas. Ao longo do percurso, pudemos observar e discutir elementos e transformações no território. Isso foi importante também para os pesquisadores, que nem sempre conheciam todas as regiões que visitamos. Dentre as observações realizadas, destacamos a abertura de novas frentes de ocupação precária e novos empreendimentos imobiliários especialmente em áreas de centralidade. Também tornou-se evidente a diversidade das formas de ocupação e do desenho dos espaços públicos dentro da região de trabalho.

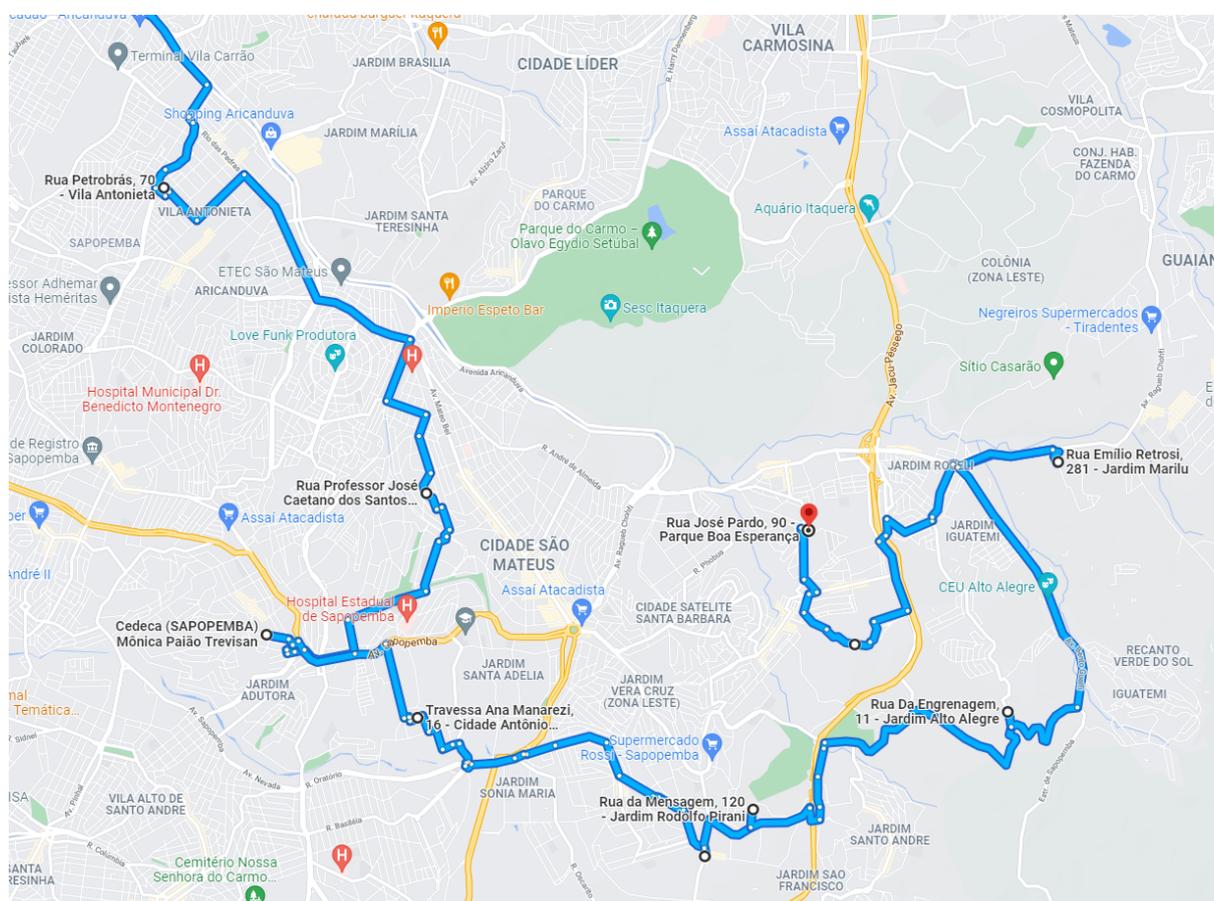


Figura 13 | Rota planejada para o percurso de embarque dos trabalhadores, no Google Maps

Após embarcar toda a equipe, seguimos para a Escola Estadual Brenno Rossi Maestro, que foi cedida pela coordenação com mediação da UNEafro para a realização da segunda parte do exercício. Ao chegar na escola, realizamos uma pausa para café e montagem do mapa. Para realizar a cartografia coletiva, imprimimos um mapa da região de

São Mateus de 2,8 por 2,5 metros, representando um recorte de 10 por 11 quilômetros. Esse mapa foi preparado usando o software QGIS e base cartográfica mista da Prefeitura de São Paulo e do Open Street Map.

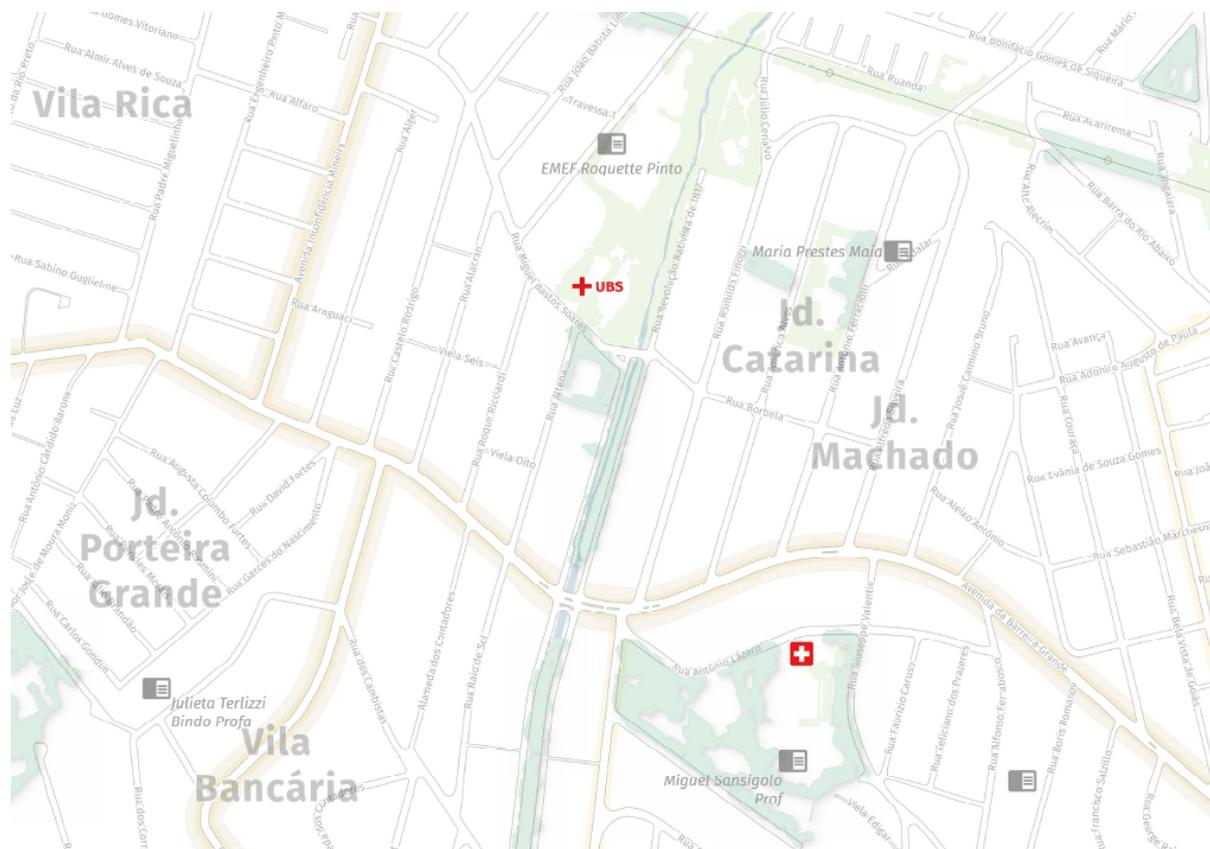


Figura 14 | Fragmento do mapa impresso para os exercícios presenciais



Figura 15 | Mapa colaborativo estendido para a atividade

Com os materiais preparados, nos sentamos em roda ao redor do mapa. Realizamos uma breve retomada da nossa trajetória e da viagem de van e buscamos iniciar a discussão com uma pergunta: qual seria a diferença entre favela e ocupação? Os pesquisadores foram apontando as diferenças e, para isso, trazendo outros elementos do território. Decidimos então anotar em cartões os termos utilizados e as características atribuídas a cada uma deles, permitindo remanejar e descartar termos que perderam o significado ao longo da discussão. Com isso, foi se construindo uma sistematização de categorias habitacionais no território. Destacamos as seguintes discussões colocadas em debate:

- Há uma diferença política entre os termos ocupação e invasão. A escolha do uso de um termo ou do outro para designar uma região depende de quem fala e de qual é seu propósito político. Além de notarmos diferenças geracionais (a partir também de experiências e acúmulos variados oriundos de trajetórias de vida e atuação política distintas dos/as pesquisadores) nos modos de perceber e se referenciar às ocupações e sua história urbana na região. Foi apontado que, mesmo sem escritura, muitos moradores de áreas mais consolidadas não se referem mais a seus lugares de moradia como invasão, apesar de ter sido esta (a ocupação de uma área pública ou pertencente a um outro privado que não o ocupante) a sua origem.

- As invasões e ocupações existem dentro de um bairro. Há uma temporalidade nas formas de ocupação: a consolidação das casas e da infraestrutura leva à constituição ou inclusão naquilo que se denomina “bairros”. Da mesma forma, o processo de produção do território também pode ir se transformando: uma ocupação pode levar à produção de um conjunto habitacional, mas também pode ser removida e se tornar condomínio (os pesquisadores denominam “condomínio” os edifícios produzidos pelo mercado corporativo para venda ou aluguel). As categorias podem ser entendidas como um estado/momento resultante de um processo histórico que pode envolver diversas outras categorias em seu percurso.
- Os bairros são entendidos como uma categoria abrangente. Ocupações, invasões e conjuntos habitacionais podem ocorrer dentro de um bairro, ou podem fundar algo que se tornará um bairro no futuro. A denominação dos bairros carrega sua origem. Por exemplo, no Conjunto Teotônio Vilela, o bairro que se constituiu da construção do conjunto habitacional (e que foi ocupado com outras formas de morar, para além do próprio conjunto) herdou seu nome, passando a ser chamado de Teotônio Vilela.
- As categorias empregadas têm uma relação importante com a forma de construção: autoconstrução, mutirão, autourbanização, empreitada de construtoras, produção pelo poder público, loteamento privado.
- A compreensão política dos termos e da história do território varia entre gerações. Os mais jovens apontaram uma visão mais homogeneizante do território, incorporando uma espécie de estigmatização dos territórios fruto de invasão/ocupação. Já os mais velhos valorizam os processos de formação e consolidação como conquista, e portanto atribuem um valor positivo.
- A denominação “favela” não foi trazida pelos pesquisadores durante o debate, mas pelos pesquisadores do LabCidade na discussão. O termo favela também é entendido de forma pejorativa. Para explicar o processo de consolidação da favela, foi usado apenas o termo invasão - dando a entender que a favela decorre de um processo de ocupação definido desde o princípio de forma negativa. Não foi usado o termo ocupação, que seria a versão positiva (ligada a processos políticos de afirmação de direitos) do termo invasão. O caráter individual e não organizado dos processos de formação das favelas foi apontado, assim como sua existência como o destino de pessoas que não têm alternativas, que constroem ou alugam barracos na favela de forma individualizada.
- A quebrada é compreendida como uma categoria relativa. É uma forma de se referir ao território popular, e pode ser usada de forma mais ou menos afetiva para se referir

a qualquer lugar da cidade. Há quebrada no centro e na periferia. A quebrada pode ser entendida ora como substantivo, ora como um adjetivo para caracterizar uma região que, em comparação ao entorno onde está situada, se caracteriza como “margem”.

- O uso de uma expressão ou outra foi identificado várias vezes com sentimentos de vergonha ou de orgulho por parte de seus moradores. Isso aconteceu com mais frequência com favelas, invasões, ocupações e conjuntos habitacionais. Por exemplo : para moradores de um conjunto habitacional construído em mutirão (que depois se “favelizou”) o bairro é motivo de orgulho, de conquista. Para os que não participaram e desconhecem o processo, é uma “invasão”. Algumas pessoas que moram no Jardim da Conquista, mas que não conheceram o processo de construção do bairro por mutirão, sentem vergonha de dizer que moram ali e, algumas vezes, dizem que moram no “Boa” (o Jardim Boa Esperança), que é um bairro vizinho fruto de um loteamento privado.
- Alguns elementos da paisagem foram citados como definidores das formas de morar: topografia, tipos das ruas. O mesmo vale para a disponibilidade de serviços como correios, Uber.
- As formas de morar produzidas pelo mercado imobiliário também não foram mencionadas pelos participantes, mas introduzidas pelos pesquisadores do LabCidade. Foram definidos como “condomínios” ou “residenciais”, e se caracterizam pela existência de uma entidade privada que faz a gestão do espaço. Os “predinhos” dos conjuntos habitacionais, que foram produzidos a partir de programas públicos, fazem parte da quebrada, mas os condomínios não. Foi citado o caso da Cohab em Artur Alvim, que é reconhecida por alguns como condomínio devido à sua consolidação. Os condomínios são associados ao mundo corporativo, assim como às grandes redes de restaurantes, de comércio e bancos.

Na sequência da discussão, usamos adesivos e canetas para definir uma legenda para cada categoria habitacional formulada e pedimos que cada pesquisador marcasse as categorias no entorno do seu endereço, finalizando assim o exercício.

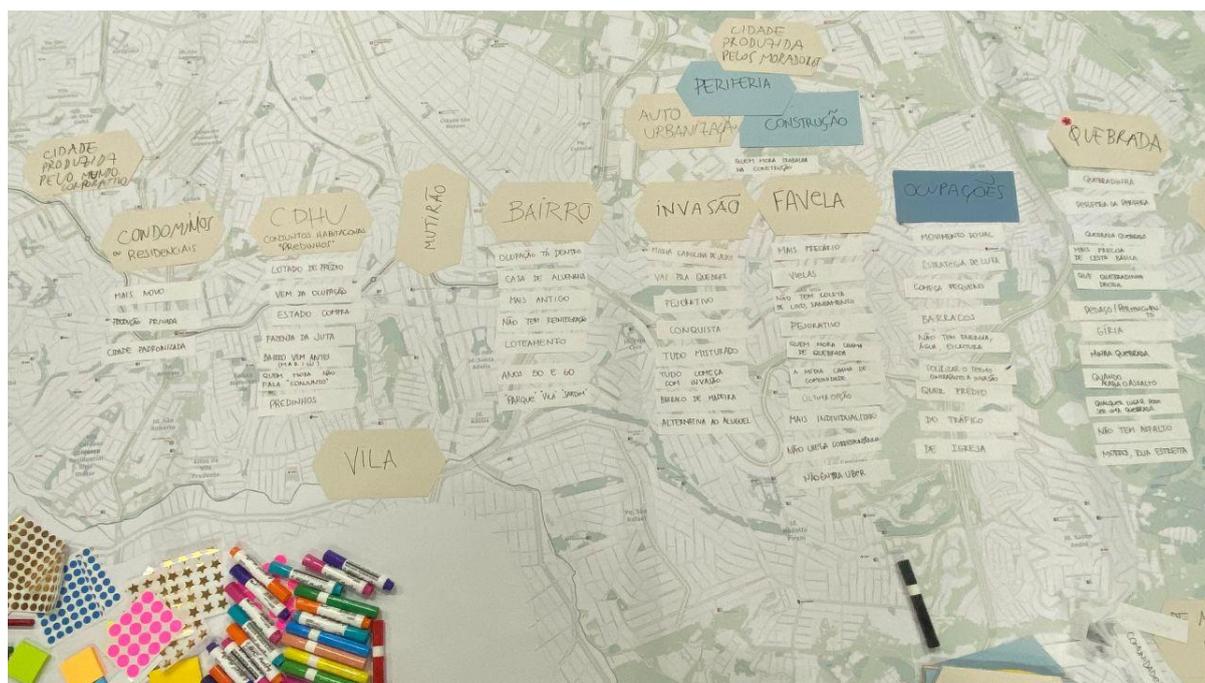
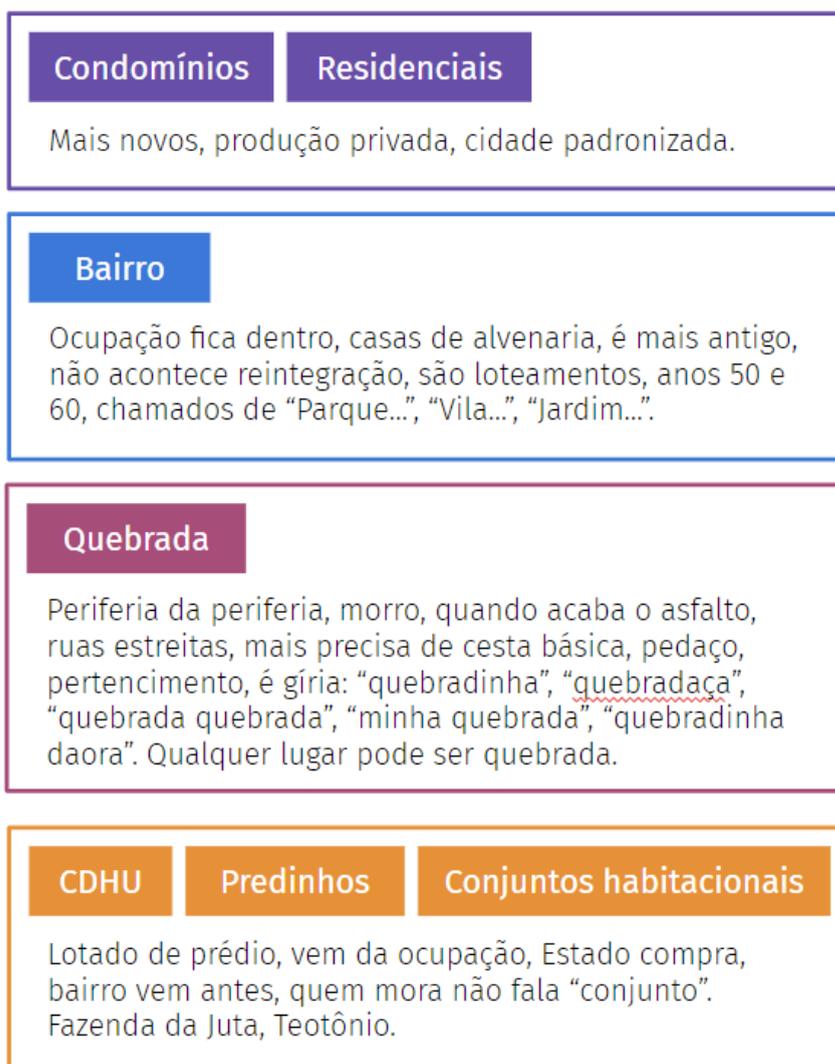


Figura 16 | Sistematização das categorias habitacionais formuladas



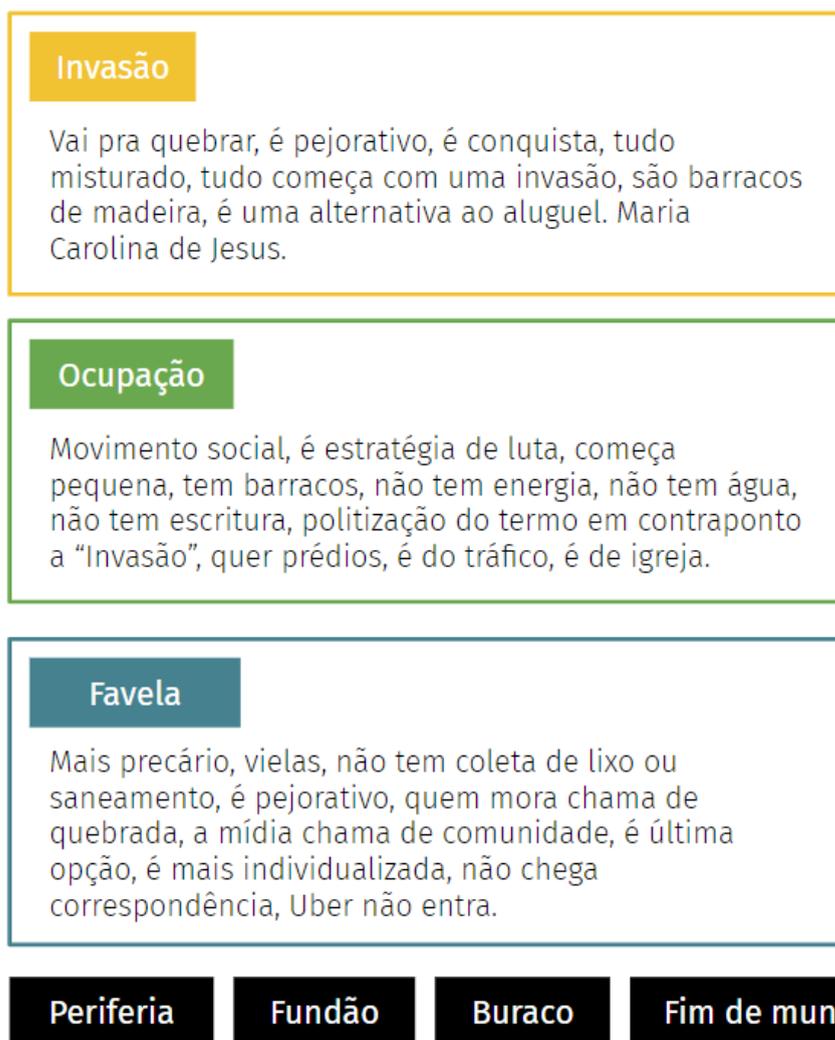


Figura 17 | Sistematização das categorias habitacionais formuladas

3.4. Cartografia coletiva das centralidades

Na segunda reunião presencial, realizada em dezembro de 2021, buscamos reproduzir o que foi feito com as categorias habitacionais para compreender as diferentes centralidades dos territórios. O evento foi dividido em uma breve apresentação sobre o histórico de ocupação da cidade e de São Mateus (demanda que surgiu no encontro anterior, para entender as temporalidades de produção do território), seguida de uma dinâmica para apontamento das centralidades.

As cartografias históricas apresentadas foram elaboradas com dados da Prefeitura de São Paulo. Usamos um mapa de mancha urbana e fotografias aéreas de 1954, que foram

georreferenciadas usando o software QGIS. Os mapas ajudaram a consolidar e avançar nas leituras das categorias habitacionais.

O reconhecimento das camadas históricas foi reveladora para todo o grupo, pois, por um lado, ampliaram o repertório dos mais jovens que não vivenciaram e também não conheciam esse processo, já que as disciplinas escolares pouco exploram a história e a geografia dos bairros e do entorno da escola. Por outro, trouxe elementos visuais para os mais velhos e aqueles que já estudaram e conhecem a história de São Mateus. “No início, tudo era invasão”, essa foi uma das afirmações que abriram as discussões, que passaram por um reconhecimento das diferentes formas de ocupação desse lugar. Também foi levantado e discutido o papel da construção de conjuntos habitacionais na abertura de frentes de expansão de ocupação urbana na região. Embora não tivéssemos tempo suficiente para avançar nessa discussão, a apresentação das cartografias que articulam tempo e espaço para compreender a formação dos territórios que compõem São Mateus dispararam um debate bastante interessante. Cabe destacar que esse exercício poderia ser explorado ainda mais futuramente.

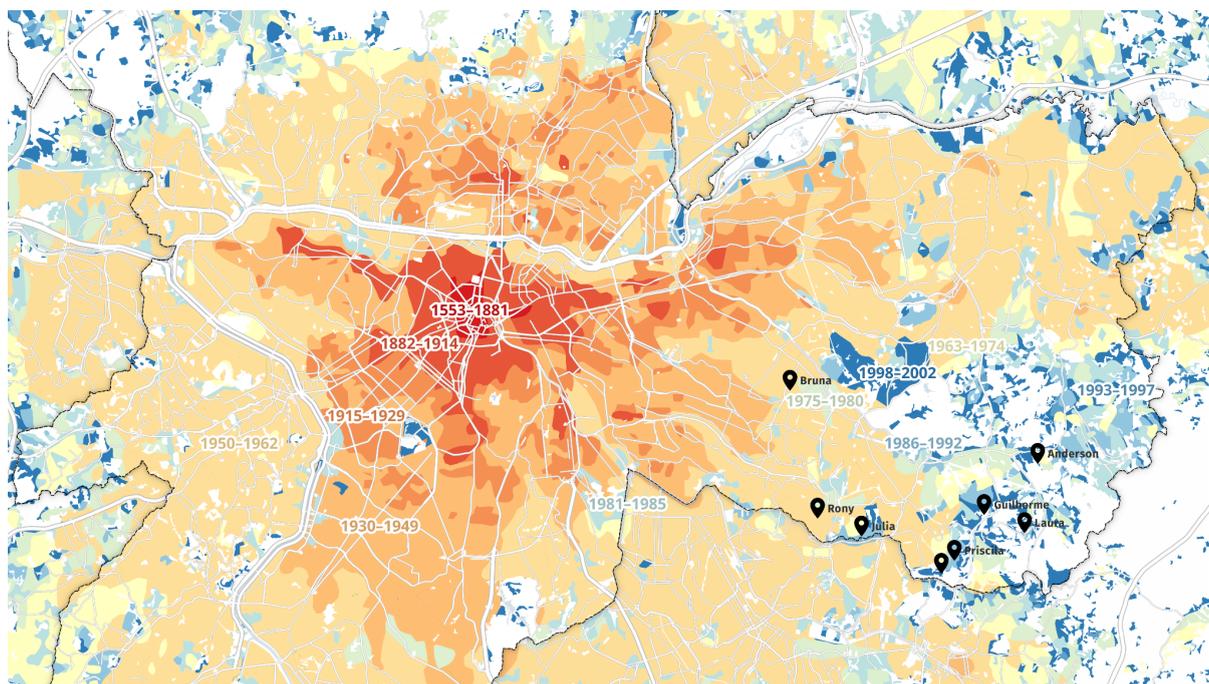


Figura 18 | Histórico de ocupação da cidade de São Paulo, com sobreposição dos endereços dos pesquisadores



Figura 19 | Imagem aérea de 1954 sobreposta pelas principais vias contemporâneas

Em seguida, partimos para a formulação e mapeamento das centralidades na região. Esse tema surgiu em função da discussão surgida no exercício anterior, em relação à questão do centro/periferia. Ao complexificar esta discussão, reconhecendo no território áreas que são “centros”, propusemos fazer esta identificação em conjunto. A questão provocadora foi: Existem centralidades na região? quais são? Destacamos os seguintes pontos nas respostas que se seguiram:

- Existem tipos de centralidade. No primeiro momento, se sugeriu a ideia de escala de centralidade, em que alguns lugares teriam dimensões maiores, ou seja, nucleariam mais gente, e outros menores. A proposição de um critério para identificação e classificação das centralidades foi uma tarefa difícil. As primeiras respostas à provocação indicaram desde UBSs, AMAs, CEUs e escolas a padarias e estações de monotrilho.
- De acordo com os pesquisadores, algumas centralidades têm um evento ou lugar ativador. Foi mencionado como as escolas são capazes de gerar centralidades com a abertura de bazares, papelarias e lanchonetes ao redor. A Padaria Satélite também é considerada como uma referência ativadora de uma centralidade. Ela foi construída há décadas num entroncamento viário importante, e hoje é uma referência espacial importante - mesmo que seus preços sejam inacessíveis para algumas pessoas da região.

- Os funks/fluxos/bailes aparecem como referência de centralidade tanto para os mais velhos quanto para os mais novos, mas por motivos diferentes. Os mais velhos apontam a questão do barulho e da segurança, enquanto os mais novos apontam como referência de lazer. Foram mencionados diversos exemplos: Sonho por Sonho, Rua da Sorte, Rua Dezenove, Morro das Pedras, Vera Cruz, etc.
- Para os jovens, o esporte também constitui centralidades. As quadras de várzea e quadras de escola - ocupadas nos finais de semana - são locais para prática esportiva. Há um circuito importante de futebol de várzea na cidade, oferecendo prêmios e visibilidade aos times.
- Os locais de assistência social - públicos ou privados - como CAPs, associações, centros de distribuição de comida, também são centralidades importantes. Foram mencionadas as associações Rodolfo Pirani, Cozinha Solidária, Padre Moreira, Henry Ford, Centro Profissional de Aprendizado.
- Samba da Maria Cursi, Casa de Cultura e CEUs foram apontados como centralidades culturais.
- As ruas e localidades comerciais foram uma categoria proposta pela equipe do LabCidade. Foram apontadas então as ruas Rodolfo Pirani e Baronesa, Morro das Pedras, feiras de rua, Mateo Bei, Mercado Rossi da Sapopemba.
- A existência de serviços financeiros, como caixas 24 horas e casas lotéricas, e de serviços postais foi apontada como indicador de centralidade, mas esses serviços são concentrados em poucos lugares e são de difícil acesso para algumas pessoas.
- O centro de São Mateus, também entendido como o próprio bairro de São Mateus, constitui um agrupamento de centralidades distintas. Foi apontado que, há poucos anos, o centro de São Mateus era a grande centralidade da região, pois não existiam tantos comércios “mais para dentro” dos bairros. Este cenário tem se alterado, mas alguns serviços financeiros e postais só podem ser realizados nesta centralidade. O centro de Mateus também é um nó de mobilidade, especialmente de transporte público. Vários ônibus partindo dos bairros passam por lá, e é possível pegar ônibus para diversos lugares da cidade.

Durante a discussão, escrevemos os nomes das centralidades mencionadas e buscamos posicioná-las de acordo com algumas categorias. Algumas localidades podem constituir centralidades de tipos diversos, de forma não exclusiva. Na síntese do exercício, apontamos alguns critérios também não exclusivos para definição de uma centralidade:

atração de pessoas, ser polo de mobilidade, ser ponto de referência, ter serviços exclusivos ou ser ponto de encontro.



Figura 20 | Sistematização das categorias de centralidade formuladas

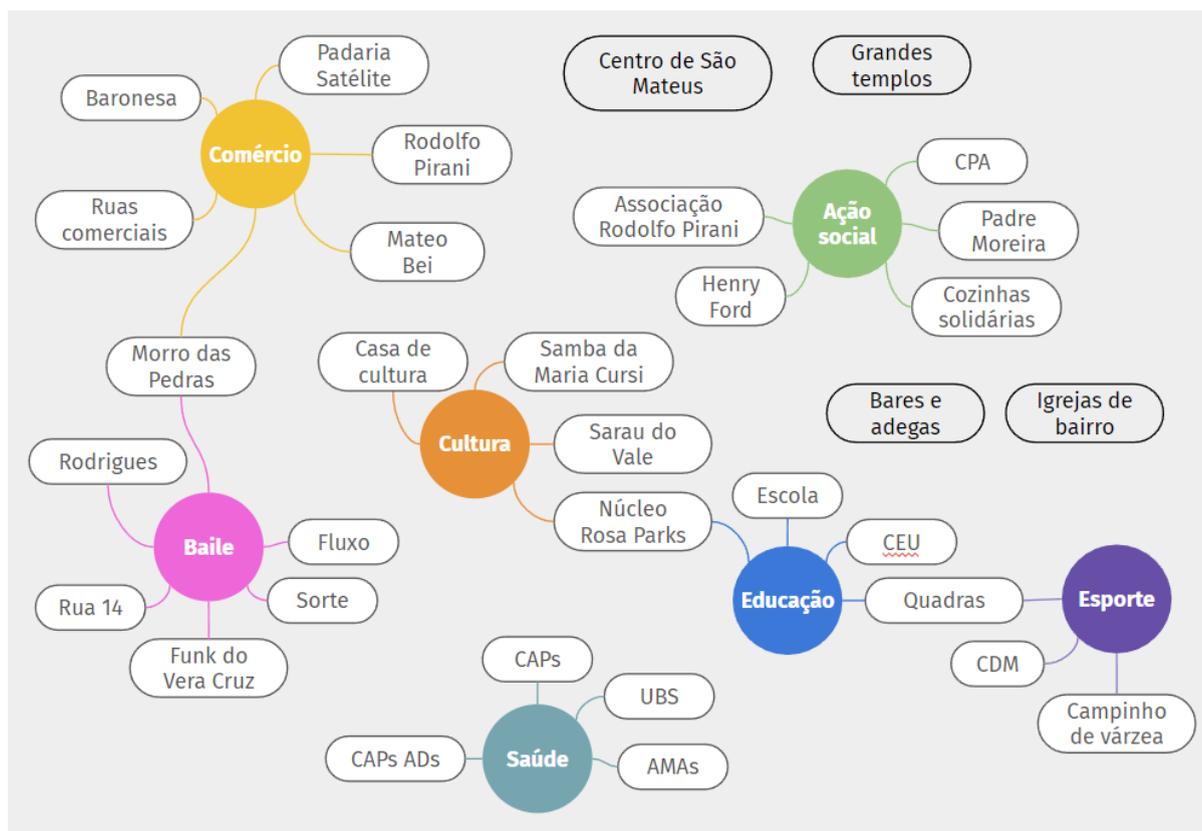


Figura 21 | Sistematização das categorias de centralidade formuladas

3.5. Oficina com equipe Tide Setubal

O LabCidade realizou, adicionalmente, um exercício simplificado com a equipe da Tide Setúbal em dezembro de 2021, já com a experiência acumulada das atividades presenciais em São Mateus. Buscamos reproduzir a experiência de discussão das categorias habitacionais solicitando aos participantes que fotografassem e legendassem pelo menos três tipos de moradia em seus bairros. Neste exercício, pudemos testar o uso de ferramentas digitais - no caso, o Miro - para sistematização da discussão. No dia do exercício, dividimos os participantes em três grupos e, em cada grupo, realizamos uma discussão sobre as diferenças definidoras de cada categoria habitacional proposta. Ao final, realizamos uma síntese com a participação de toda a equipe.

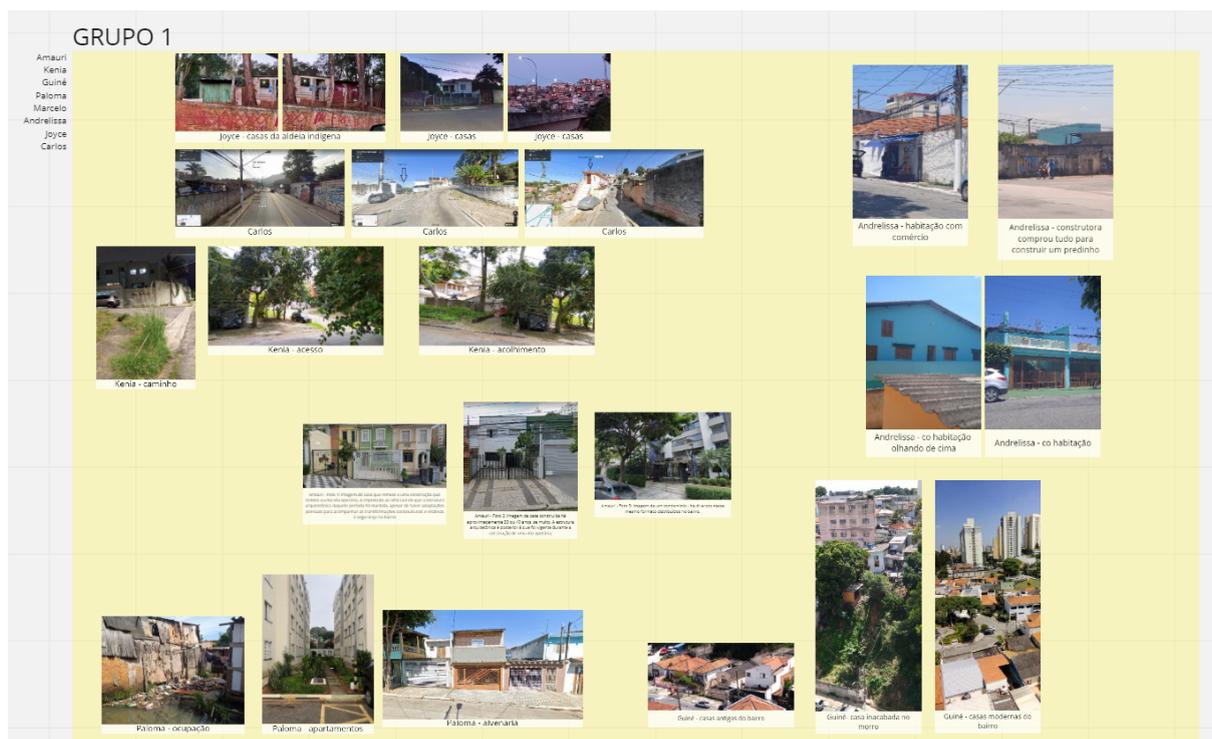


Figura 22 | Exemplo de painel interativo usado na discussão das categorias habitacionais

O exercício revelou a diversidade de experiências e percepções territoriais entre os profissionais da Tide Setubal, pessoas que residem em localidades diferentes e que possuem relações diferentes com a cidade. As fotos e falas dos participantes evidenciaram não apenas as características físicas das moradias e do bairro, mas também o território como um dado simbólico: a encruzilhada, o lugar do encontro e a existência de conflitos e disputas foram elementos que se destacaram durante a experiência. Acreditamos que o reconhecimento dessas percepções dentro do coletivo de trabalhadores da instituição é um elemento importante para o fortalecimento da equipe e pode ser continuamente explorado.

4. Compreensão da disseminação e dos impactos da pandemia em escala local

Nos exercícios referentes ao eixo de pesquisa dos impactos da pandemia, buscamos construir uma leitura sobre os impactos da pandemia nos territórios. Em conjunto com a frente de cartografia crítica, a proposta desses exercícios conduziu ao início de um debate sobre formulação de políticas públicas a partir dos elementos trazidos através das leituras territoriais.

4.1. Leituras da pandemia com fotos, vídeos e entrevistas

As questões que emergiram a partir das cartografias afetivas retrataram em boa medida o contexto atual da pandemia da Covid-19, seja na representação de impactos e problemas aprofundados pela crise sanitária e social; seja também nos limites de ler o território em um momento em que todos diminuíram consideravelmente o fluxo de circulação pelo bairro e pela cidade como todo. Ao mesmo tempo, o trabalho mais amplo do LabCidade já vinha se debruçando em uma leitura territorial da pandemia, para compreender não apenas a disseminação espacial do vírus, mas também como consequentes transformações impostas pelo coronavírus impactaram a cidade e especialmente os territórios populares.

Para avançarmos nesta leitura propusemos que os pesquisadores coletassem e compartilhassem com os colegas, fotos e vídeos dos locais mencionados nas apresentações das cartografias afetivas. O exercício 3 foi apresentado em duas partes, cada uma realizada em uma quinzena, com os seguintes enunciados:

Atividade 3, primeiro passo | Fotografias + áudios

Nesta etapa, você vai identificar dinâmicas e transformações na sua quebrada provocadas ou intensificadas pela pandemia, ou que ocorreram durante este período. Para cada ponto identificado, prepare uma foto ou imagem para enviar junto a um áudio explicativo.

Alguns elementos para identificar:

- Quais foram as ações realizadas pela prefeitura ou pelo governo do estado no seu bairro durante a pandemia?
- Houve ação de agentes de saúde?
- Como a polícia passou a se comportar?
- Houve alguma organização de agentes locais, dentro ou fora de equipamentos?

públicos? De quem foi a iniciativa dessas ações?

- Apareceram novos usos, novos empreendimentos, novas formas de lazer e novos tipos de trabalho durante a pandemia?
- Houve muitas mortes por COVID no seu bairro?
- Como está a adesão da comunidade à vacinação? Circularam notícias falsas? De que tipo, por onde?
- Como os espaços de referência (centros culturais, postos de saúde, etc) se adaptaram à dinâmica da pandemia, abriram ou fecharam?
- Como o transporte público se transformou durante a pandemia? Passou a ficar mais cheio ou mais vazio? Criaram ou cancelaram linhas?
- As pessoas passaram a usar mais aplicativos de transporte, como Uber?
- Quais são os lugares onde as ações e transformações ocorreram?

Atividade 3, segundo passo | Entrevistas

Nesta etapa, você vai aprofundar a leitura sobre os impactos da pandemia no seu bairro e região. Além dos seus relatos, pedimos que entrem em contato com pessoas chave da sua comunidade que nos ajudem a responder as questões em aberto levantadas ao longo da apresentação, solicite a autorização de compartilhar conosco os áudios.

Perguntas que podem ser feitas (para orientar o áudio):

- Como a pandemia afetou a sua vida?
- Como você se virou nesse momento difícil?
- Qual a importância do seu trabalho nesse período?

Sugestões de pessoas a contatar:

- Profissionais da saúde, em especial os agentes comunitários de saúde
- Membros de coletivos culturais e organizações comunitárias
- Funcionários dos equipamentos públicos
- Trabalhadores que não puderam parar / Trabalhadores de app (uber, ifood, rappi, entre outros)

Os materiais enviados pelos pesquisadores revelaram diferentes dinâmicas impulsionadas pela pandemia. Por um lado, observamos o fortalecimento das redes de proteção e solidariedade, com a distribuição de cestas básicas, alimentação e outros tipos de apoio à população; por outro observamos aprofundamento dos conflitos e problemas existentes, com especial atenção a questão da fome e da crise habitacional com o aumento de despejos e também a multiplicação de pessoas em situação de rua e a explosão de novas ocupações precárias.

“Na Mateo Bei, uma loja que era referência na região mas infelizmente não suportou a pandemia, a papelaria Ibituruna. Fechada, virou um local de concentração de pessoas em situação de rua” (Bruna)



Figura 23 | Moradores de rua e lojas fechadas em centralidade comercial

As dinâmicas empreendedoras ou da sevirologia (ou arte de se virar) também chamaram atenção. Muitos perderam renda e tiveram que montar seu próprio negócio para conseguir sobreviver, outros que já empreendiam tiveram que fechar as portas - que acabaram dando lugar a novos empreendimentos. As fotos e relatos compartilhados evidenciaram a diversidade (e obviamente as desigualdades) entre as iniciativas, desde pequenos negócios improvisados até comércios maiores e melhor estruturados que surgiram na pandemia.

“O pessoal aqui está batalhando, oferecendo serviços, abrindo negócios, empreendendo sem saber se vai dar certo. Estão se arriscando pra caramba” (Ana Eulália)

“Outro ponto importante que observei foi o aumento dos camelos pela mateo bei. Eles duplicaram durante a pandemia. Reflexo da economia e desemprego” (Bruna)

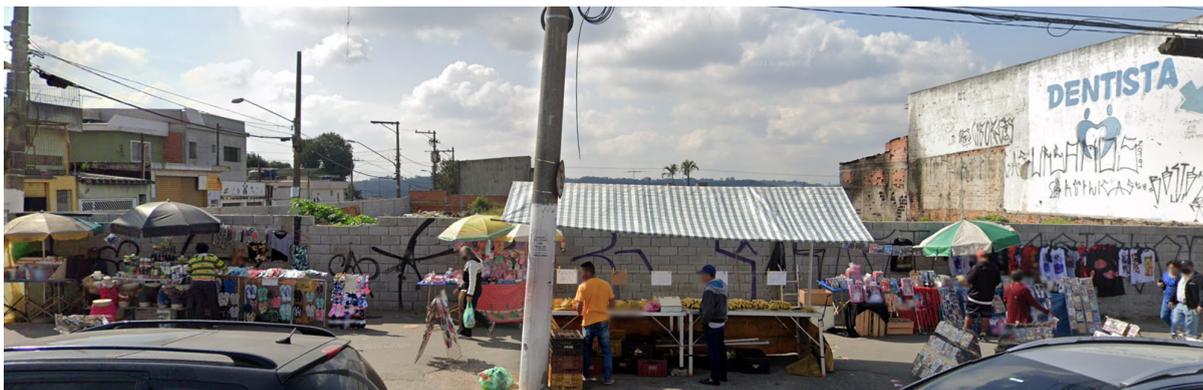


Figura 24 | Comércio ambulante em São Mateus

Dentro os empreendimentos que mais se multiplicaram durante o período da pandemia estão as adegas, tipo de negócio que já estava em alta, mas que com o crescimento dos serviços de “pague e leve” e fechamento temporário dos bares, foi ainda mais potencializado. Junto às adegas, também se destacam as tabacarias, tipo de negócio atrelado à cena noturna e às festas de rua (os bailes ou fluxos) que continuaram a acontecer na pandemia, frequentada pela juventude que, em grande parte, continuou saindo tanto a trabalho quanto por lazer.

“As duas pistas tem duas adegas que colocam música. Continua o fluxo. Na favela também tem baile. Mesmo no auge da pandemia, com ‘tudo fechado’ durante a noite escutamos música alta. Dependendo do horário, quando você chega na sexta ou no sábado é difícil passar com o carro, tem que buzinar para passar.” (Bruna)



Figura 25 | “Paredão” de caixas de som, indicando a realização de bailes

Os relatos foram solicitados via WhatsApp e enviados por áudio, forma que se revelou bastante eficaz de registro de relatos. Sendo assim, optamos por expandir a experiência dos relatos, mas desta vez com pessoas conhecidas ou dos círculos dos pesquisadores. Mesmo que a interação tenha acontecido de forma virtual, os vínculos pré-existent permitiram estabelecer contatos e coletar informações importantes.

Tabela 1 | Entrevistas realizadas pelos pesquisadores

Entrevistado(a)	Perfil	Síntese das questões abordadas
Não identificado (1)	Casal jovem	Aumento do desemprego e novos meios de se virar durante a pandemia
Não identificado (2)	Comerciante	Trabalho durante a pandemia e os impactos no comércio.
Kelly	Funcionária pública	Sobre os desafios de continuar seu trabalho durante a pandemia, especificamente os limites do trabalho remoto com equipamentos próprios e acesso precário à internet.
Bruna Almeida	Professora	Os desafios da educação na pandemia e os limites das aulas online. Dificuldades financeiras com a diminuição da renda e como isso impactou a sua saúde mental e de seus familiares.
Mateus Vicente	Vendedor	Diminuição do movimento do comércio e da renda na pandemia. Insuficiência do auxílio emergencial, já que o custo de vida aumentou significativamente no período.
Maria J Santos	Empreendedora	Alternativas para se virar na pandemia, aposta na venda de produtos online como fonte de renda
Maria Aparecida de Barros	Produtora de eventos	Impactos da pandemia na área de produção de eventos e cultura, com a impossibilidade de realizar eventos e atividades culturais presenciais, boa parte dos profissionais do ramo perderam 100% da renda no período.
Alessandra	Agente de Saúde	Rotina na pandemia como Agente de Saúde (e?)
Não identificado (3)	Coordenadora de escola	Como a pandemia afetou a escola e os alunos, especificamente em uma escola que atende crianças de famílias vulneráveis.
Daiane	Atriz	Impactos da pandemia na área da cultura, especificamente o teatro.

Entrevistado(a)	Perfil	Síntese das questões abordadas
Rodrigo	Consultor Óptico	Como a pandemia afetou o comércio na pandemia. Confusão na política de retomada das atividades do setor óptico e falhas nos critérios de priorização da vacinação.
Não identificado (4)	Professora	Como a pandemia afetou a escola e a importância de seu trabalho na pandemia
Ana Paula	Desempregada (ex-funcionária de telemarketing)	Aumento do desemprego durante a pandemia e a importância de ações de solidariedade no período, que garantiram o mínimo para sobreviver no período.
Elisângela	Pastora evangélica	Como a pandemia afetou o cotidiano da população em seu bairro. A importância da ação das igrejas na pandemia e aumento da demanda por apoio e assistência.
Dona Milcer	Comerciante	Como a pandemia afetou o comércio; Participação em um projeto social sem fins lucrativos
Não identificado (5)	Professora de creche	Como a aula online afetou o trabalho dela e as famílias
Não identificado (6)	Empreendedor - reciclagem	A pandemia afetou muito a sua firma de reciclagem, que nunca havia passado nada parecido, teve muita dificuldade e recebeu doações
Dani	Técnica do CJ	Como a pandemia afetou o seu trabalho como técnica do centro de juventude
Paloma	Esteticistas	Como a pandemia afetou os trabalhos na área de estética (salão de beleza e manicure): perda de clientes, novas formas de atender
Victória Silveiro		
Marta Syane	Diarista autônoma	Diarista autônoma, relata como foi a mudança da procura pelo seu trabalho, durante o início da pandemia, no decorrer e agora, após a vacinação e no mercado de trabalho nesse novo "normal"
Rosângela	Orientadora Socioeducativa	Como a pandemia afetou o trabalho socioeducativo no CEDECA Sapopemba. Atividades online não funcionaram e a ausência de alternativas fez com que os vínculos, já fragilizados, se perdessem.
Não identificado (7)	Família Boliviana	Como a pandemia afetou a vida deles

Entrevistado(a)	Perfil	Síntese das questões abordadas
Iracir	técnica de enfermagem	Como a pandemia afetou o trabalho como Técnica de Enfermagem e qual foi o impacto financeiro
Dona Raquel, moradora da Rodrigues dos Santos	Dona de casa	Como a pandemia afetou a vida dela
Junior	Estoquista / Repositor	Como a pandemia afetou o trabalho de repositor de loja (continuou recebendo em dia por ser registrado)
Rosilene	Profissional da saúde	Saúde mental e sobrecarga de trabalho dos profissionais da saúde

Dentre os achados destacamos as críticas à ação do Estado durante a pandemia, que seguem elencadas abaixo:

- **Incoerência das políticas públicas no enfrentamento e proteção contra a pandemia:** a partir dos relatos coletados pelos pesquisadores identificamos uma série de críticas relativas às iniciativas estatais para controlar a pandemia e minimizar seus impactos. Segundo os moradores entrevistados, os critérios estabelecidos para retomada da economia e para a vacinação não garantiram a proteção mais adequada à população dos territórios periféricos na sua maioria, trabalhadores dos serviços essenciais.

O governo tinha planos dos quais ele não conseguia dar conta. Quando liberava era de forma exagerada, abrindo coisas que não deveriam ser abertas. As empresas tentaram reabrir, tentando seguir normas que na rua em si não funcionavam. Foi tudo muito falho, desde o começo demorou a ter ações efetivas. Tudo muito incoerente, nos funcionários do setor ótico e outros setores essenciais tivemos que continuar a trabalhar mas não fomos incluídos nos grupos prioritários da vacinação. Corremos risco, demos a cara a tapa atendendo pessoas pois nosso trabalho é realmente muito importante. Um exemplo real: um médico ou enfermeiro que trabalha na linha de frente e seu óculos quebra, ou não está enxergando tão bem pois pegou COVID e ela também altera... Por outro lado, alguns profissionais que não estavam trabalhando foram incluídos nesses grupos prioritários. (Rodrigo, consultor óptico)

“Nossa população necessita bastante do transporte público e muitas vezes não tem ônibus suficientes para as pessoas andarem com distanciamento. Pelo contrário, tem poucos ônibus na rua então por isso as pessoas acabam lotando os ônibus e muitos acabam pegando a COVID-19 neste momento. Não adianta a pessoa ficar em casa e manter o distanciamento, mas na hora de ir ao trabalho ou voltar para a casa tem aquela aglomeração dentro do transporte público.” (Elisangela, pastora evangélica)

- **Ausência de orientações aos serviços públicos locais e descolamento entre a gestão pública e o território:** assim que a pandemia foi declarada, em meados de março de 2020, uma das primeiras medidas adotadas pelo poder público foi fechar temporariamente uma série de serviços. Com exceção da saúde, a maioria dos equipamentos e serviços foram interrompidos de forma abrupta e sem orientações para minimizar o impacto no trabalho dos servidores, que viram boa parte dos vínculos existentes se perderem. Ao mesmo tempo, a retomada desses espaços não foi planejada de forma a envolver os trabalhadores da ponta e os beneficiários dessas políticas, o que evidencia o deslocamento histórico com o território e mesmo de uma gestão centralizada, com decisões tomadas dentro dos gabinetes, com pouca ou nenhuma aderência na realidade enfrentada nos equipamentos locais.

“Fui muito impactante no primeiro momento pois só veio uma ordem de fechamento do serviço. A gente não sabia como lidar... Um fechamento repentino, falta de planejamento dos governantes que não preparam a gente antes do que estaria acontecendo. Todo mundo ficou perdido, sem saber o que iria acontecer e como seria” (Dani, Técnica do Centro da Juventude)

“Depois que reabrimos, isso afetou nosso trabalho que é o fortalecimento dos vínculos e da convivência. Ficamos muito distantes, por mais que fizéssemos algumas iniciativas. Na retomada, esse processo de adaptação vem sendo muito difícil, assustador, sentimos medo da exposição sem saber o que poderia acontecer. Acho que era muito isso, a cada retomada em que aumentava o público ficávamos com medo e pensávamos “será que é esse o momento agora?” (Dani, Técnica do Centro da Juventude)

- **Limites e desafios da transição dos serviços presenciais para o on-line:** embora as ferramentas digitais tenham auxiliado a manter a comunicação e diversas iniciativas durante as medidas de distanciamento, existem uma série de limites e desafios para a adoção dessas ferramentas nos territórios populares. Em primeira medida, existe um desafio de acesso e alfabetização digital, muitas famílias não têm acesso a uma

boa conexão, outras tem apenas um aparelho celular. Por outro lado, alguns serviços simplesmente deixam de ter efetividade com a perda dos vínculos presenciais, tão importantes para o acompanhamento de demandas como dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, por exemplo.

“Afetou muito meu trabalho por conta da internet, começar a dar aulas online sem saber mexer no computador. Precisou se reinventar. Não só para os professores, muitas crianças vão para creche também para se alimentar, muitos passaram necessidade quando a creche não estava aberta.” (Tia da Laura, trabalha em uma creche)

“A pandemia afastou nós técnicos dos adolescentes, pelo fato de acontecer de forma remota e online ficou muito frio e distante das famílias. Além do vínculo fragilizado percebi também que a fome aumentou muito no nosso território. Houve uma demanda muito grande por solicitação de cestas básicas, de famílias que acabaram perdendo seus empregos. A maioria dos nossos adolescentes são oriundos de famílias monoparentais, a mãe é a única provedora da casa, e geralmente esse trabalho se dá em diárias, limpeza, passadeiras de roupa.” (Rosangela, Técnica de medida socioeducativa do CEDECA Sapopemba)

4.2. Traçando ações no território

Como exercício final, foi proposto que os pesquisadores definissem soluções e ações para resolver os problemas relacionados à pandemia apontados nas entrevistas desenvolvidas nas últimas etapas, considerando formas de evitar a incoerência, o descolamento e a incompatibilidade entre as políticas públicas e a realidade do território descritas anteriormente. Também seria possível propor soluções a problemas mapeados nos exercícios de cartografia afetiva e coletiva; e de modo mais amplo, um exercício metodológico e propositivo no sentido de treinar e desenvolver o olhar crítico ultrapassando a etapa de diagnóstico de problemas para pensar e apresentar também soluções. O exercício baseou-se na hipótese de que a forma que lemos e representamos o território é determinante para definir as políticas públicas. Apresentamos o enunciado a seguir:

Atividade 5 | Traçando ações nos territórios

Nesta atividade, você vai propor soluções e ações a problemas identificados nas entrevistas. Ao escutar/ler as entrevistas realizadas por todo o grupo de pesquisa,

identifique três problemas das pessoas entrevistadas. A partir deste problema, indique possíveis soluções que poderiam ser tomadas pelo poder público - para isso, você pode assumir que “tem a caneta na mão”. Em seguida, liste quais seriam as ações necessárias para tornar esta solução possível.

Exemplo:

Problema	Solução	Ações
Transporte público lotado, gerando aglomerações e aumentando o risco de contágio	Diminuir a lotação no transporte	Aumentar o número de ônibus
		Aumentar o espaço nos terminais e pontos
		Redesenhar linhas para atender lugares essenciais
		Incentivar adoção de transporte ativo
	Diminuir o risco de contágio	Fornecer máscaras nos terminais
		Pias públicas nos terminais
		Transporte especial para profissionais essenciais

Ao preencher as tabelas, o pesquisador precisava explicitar qual seria o problema apontado e sua solução, descrevendo ações que levariam a esta. As propostas foram enviadas no grupo de Whatsapp e apresentadas pelos próprios autores em duas reuniões finais. As apresentações foram organizadas em fila, cada pesquisador apresentava suas três tabelas e, em seguida, abríamos para discussão. Os problemas e causas levantados foram diversos, mas com aderência às diversas leituras realizadas ao longo dos exercícios. Listamos, por exemplo:

- Transporte público lotado, por descaso das empresas de ônibus e falta de investimento. A solução apontada seria aumentar as linhas em vez de diminuí-las na pandemia
- Poucas oportunidades de trabalho e pouca oferta de qualificação. A solução apontada seria que as empresas oferecessem qualificação para pessoas entrando no mercado de trabalho.
- Comércio autônomo prejudicado pela pandemia e tratado de forma criminalizada, sem amparo do governo. A solução apontada seria dar suporte e reconhecimento a estes comerciantes.

- Rua Fortaleza, no Jardim Rodolfo Pirani, é pouco acessível, sua alta inclinação causa acidentes. A ação apontada seria organizar um abaixo assinado para solicitar a construção de um escadão ou corrimão.

Em geral, o exercício resultou em propostas mais específicas e próximas do cotidiano dos/as pesquisadores. Para além da diversidade de propostas, notamos como o repertório obtido nas diferentes trajetórias de vida também interfere na percepção dos problemas e na proposição das soluções.

Problemas	Soluções	Ações
"Escolas fechadas por conta da pandemia e mudar para o modo online"	"Aulas dinâmicas" "Que os pais participem das aulas"	Ter aulas mais dinâmicas pra não ficar cansativo para os alunos e professores Os pais tem que ajudar os alunos a estudar e apoiar eles
"Situação financeira ruim e que não tem condições de estudar online por não ter nenhum aparelho para poder acompanhar as aulas"	"Escolas ajudarem" "Auxílio ajuda"	As escolas abrirem pra que esses alunos possam estudar Para poder ajudar a comprar um aparelho simples mais que de pra estudar
"Crianças que não tem uma alimentação em casa"	"Ajuda a cestas básica"	Entregar cesta basicas a famílias mais carentes

Figura 26 | Exemplo de tabela de propostas

Problemas	Soluções	Ações
Aumento dos Moradores de rua, e das “favelas” durante a pandemia	<p>Políticas públicas que atendam as famílias que perderam a fonte de renda durante a pandemia.</p> <p>Prédios Abandonados serem revertidos para moradias populares</p> <p>Incentivo de ações sociais voltadas a moradores de rua</p> <p>Redistribuição de renda</p> <p>Educação financeira e política a periferia</p>	<p>Repensar o Auxílio emergencial com um valor mínimo que garanta a sobrevivência</p> <p>Diminuição do processo burocrático para a entrada dos pedidos, visto que muitas famílias não tinham nem acesso à internet para conseguir</p> <p>Fiscalização desse auxílio pois, muitos que não precisavam receberam.</p> <p>Desapropriar prédios abandonados e terrenos que estão sem função social</p> <p>Identificar ONGs e projetos sociais que distribuem refeições, cobertores e etc. e apoiar-las financeiramente.</p> <p>Apoio aos vendedores ambulantes</p> <p>Aumentar o alcance de projetos de transferência de renda como o “bolsa família”/ Renda Brasil.</p>

Figura 27 | Exemplo de tabela de propostas

5. Conclusões e comentários

Os resultados desta experiência ofereceram algumas respostas e abriram novas possibilidades de pesquisa e de proposição metodológica. Com relação a leitura crítica das representações e experimentação de outras cartografias, ficou evidente que as representações institucionais são, na maioria das vezes, descoladas da realidade e mobilizam uma linguagem de difícil compreensão. Algumas das categorias pré-estabelecidas, como os “aglomerados subnormais”, geram fortes questionamentos daqueles que vivem nesses territórios.

A experimentação de cartografias afetivas e coletivas possibilitou a identificação de outras categorias, diferentes e mais diversas do que as categorias oficiais. Ao mesmo tempo, apontam para sua complexidade, que podem possuir diferentes significados a depender do contexto e que são marcadas por uma temporalidade relacionada ao processo de consolidação dos territórios. De qualquer forma, esta temporalidade – tão estruturadora das categorias – está totalmente ausente nas leituras oficiais, para quem apenas as categorias legal/ilegal - regular/irregular contam e, portanto, em princípio o destino destes territórios deveria ser seu desfazimento e substituição por condomínios. Os resultados dos exercícios de cartografia coletiva mostram como são potentes os mapeamentos a partir dos sujeitos que habitam o território para se estabelecer políticas que dialoguem com este.

O problema da escala também aparece como um limite entre a forma das pessoas enxergarem o seu território, numa escala muito próxima, e a forma como o planejamento enxerga a cidade, numa escala distante. Os resultados das cartografias afetivas apontam como a estrutura da cidade na escala do planejamento foi de compreensão difícil para os pesquisadores, enquanto na crítica das cartografias oficiais torna-se claro para os pesquisadores os limites e erros da generalização trazida nas cartografias do planejamento. Uma questão ficou ainda bastante em aberto para a equipe do LabCidade: se pensar estratégias mais gerais – em escalas mais distantes – é necessário, como incorporar o olhar e a vivência dos sujeitos neste processo?

Com relação a disseminação e os impactos da pandemia em escala local, os relatos apresentados mostraram como as políticas de enfrentamento a pandemia e proteção da população, quando existentes, apresentaram diversos limites na avaliação de quem sentiu na pele seus impactos. Também foram vários os diagnósticos de ausência de medidas que garantissem a segurança dos trabalhadores dos serviços essenciais no transporte público e

mesmo sua segurança econômica, sanitária e alimentar durante a crise. Outros relatos apontaram como, quando tornou-se possível combater a pandemia com vacinação, os critérios de priorização desconsideraram algumas categorias de trabalhadores que continuaram ativos durante toda (ou maior parte) da pandemia. Ainda, o fechamento de inúmeros serviços públicos e as indefinições quanto a retomada destes, fragilizou ou rompeu vínculos com o público atendido, sem equacionar e mitigar as consequências.

Em linhas gerais, também identificamos uma grave crise habitacional na região de São Mateus, com a multiplicação de novas ocupações/invasões e da população em situação de rua. Esse cenário foi agravado com a pandemia. Porém, mesmo durante a pandemia, os relatos apontam para uma forte dinâmica empreendedora, com a multiplicação de diferentes tipos de negócio – incluindo a comercialização de lotes em ocupações/invasões. Chamou nossa atenção a multiplicação de adegas, tabacarias e a relevância dos bailes na rotina dos territórios.

Concluimos que o percurso experimental na elaboração das cartografias é capaz de oferecer uma compreensão mais ampla, diversa e fiel aos territórios. O último exercício também mostrou que, mesmo durante o processo de alfabetização cartográfica, a forma de ler e representar o espaço já interfere nas formas de pensar alternativas e planejar as ações. Observamos como uma abordagem temática abrangente permite identificar problemas invisíveis aos métodos do planejamento urbano instituído. Ainda é necessário explorar o que é possível construir ao aplicar este percurso experimental de forma focada, explorando temas específicos e com maior tempo de desenvolvimento, até a elaboração de propostas de ação. Também permanece a dúvida sobre como este percurso se desenrolaria em outros territórios – pois, apesar do sucesso observado nos resultados e discussões levantadas, não é possível dizer se as visões de cidade expressas pelos pesquisadores constituem parte de uma visão “universal” de periferia, ou se cada território popular constitui uma compreensão única de si e da sua relação com a cidade.

6. Referências e Links relevantes

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos Estudos*. Cebrap, São Paulo. V39 n01; 19-36; Jan.–Abr. 2020.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 19/02/2022.

Pasta com apresentações realizadas:

<https://drive.google.com/drive/folders/1zLF-WfcbBHdj4BTDmctxavhFPTk3yiii?usp=sharing>

Pasta com faixas do mapa impresso para a atividade presencial:

https://drive.google.com/file/d/1Eh2ciSEk05xJTkHJWTV60WUrqJul_ogd/view?usp=sharing